

OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO VI

N.º 22

ABRIL - 1943

A Voz de Londres

fala

E O MUNDO ACREDITA

OUÇAM AS EMISSÕES DIÁRIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

DA

B B C

(BRITISH BROADCASTING CORPORATION)

às 8,45 — 13,15 — 21,45 horas

Ao microfone ...



... os distintos locutores

FERNANDO PESSA

F. R. CARVALHO

AUGUSTO DA SILVA

e outros leem as últimas notícias, actualidades e palestras da sua autoria e de muitos autores portugueses e ingleses. Entré os notáveis colaboradores da BBC figuram:

Conde de Lavradio

Wickham Steed

Manuel Antunes

Bento Fabião

João Ninguem

António Burnay

John Gibbon

Oscar da Silva

Manel de Braga

O Homem da Bengala

Oliver Stewart

Carmelo Cespedes

O Homem da Rua

Brian Tunstall

Michael Derrick

João de Lisboa

Douglas Woodruff

Ego

S. de Madariaga

Zé do Pôrto

em: Comentários semanais, militar, naval e do ar; O que vai pelo mundo; Quinze minutos com a juventude de Portugal; Revista feminina; Cavaqueira do domingo; Aniversário anglo-português da semana; Retiro da Blitz, etc.

O L I S I P O

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153 - TELEF. 5 3173 - LISBOA

SUMARIO

- A PROCISSÃO DE S.^{to} ANTÓNIO EM 1895
por *António Ribeiro da Silva e Sousa*
- PRÓ E CONTRA POMBAL
por *Cardoso Martha*
- NOTA A UMA NOTA
por *António R. S. Barbosa*
- TIPOS POPULARES
- A CASA DE SANTO ANTÓNIO
por *Henrique Marques Júnior*
- LISBOA 1900 (OS PREGÕES)
por *Raúl de Lacerda*
- LISBOA
por *Maria Diniz — Dina*
- VELHAS CASAS DE LISBOA
(Continuação) pelo *Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal*
- BIBLIOTECA
- AMIGOS DE LISBOA

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores
ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

A Procissão de S.^{to} António em 1895

(Palestra realizada na sede do «Grupo Amigos de Lisboa»
na noite de 22 de Maio de 1941)

por ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA
(Sidónio Miguel)

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Depois do meu agradecimento ao ilustre Presidente da mesa e nosso Secretário Geral, Ex.^{mo} Sr. Luiz Pastor de Macedo, pelas amáveis e imerecidas palavras com que me honrou perante V. Ex.^{as}, devo começar por dizer, ao entrar sem mais preâmbulo no assunto desta pequena palestra, que — como espírito de contração que me prezo de ser no tempo em que vivo e já uma vez me confessei a V. Ex.^{as} — eu gosto imenso dos nomes muito compridos das pessoas e das cousas. Já em pequeno eu gostava de repetir sem uma falha o nome de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Carlos Fernando Luiz Maria Vítor Miguel Gabriel Rafael Gonzaga Francisco de Assis de Bragança e Bourbon e Saxe-Coburgo-Gotha...

Adoro ainda aqueles títulos dos nossos velhos cronistas, Fernão Lopes por exemplo, que em certo capítulo da *Crónica de D. Fernando* assim começa:

«Do que aveiu a Nuno Alvares, sentando-se El-Rei a comer, e das palavras que disse a El-Rei, quando se dele houve de despedir...»

ou o dalgum dos do *Don Quijote de la Mancha*, no qual se lê, na língua de Cervantes, mais ou menos:

«Del buen suceso que el valeroso Don Quijote tuvo en la espantable y jamás imaginada aventura de los molinos de viento, con otras cosas dignas de recordación».

Fiel a êste gosto, cheguei a pensar em dar à palestra de hoje, cujo nome

já não é curto, um subtítulo que se me afigurava útil. Esse subtítulo seria: «Depoimento dum sobrevivente»...

Esta palavra «sobrevivente» vai já provocar reparos de V. Ex.^{as}, particularmente dos que ainda assistiram à imponente procissão de 30 de Junho de 1895, ou dela ouviram falar, e não deram fé de que ela tivesse dado lugar a tal mortandade que os que dela escaparam possam chamar-se hoje «sobreviventes», com aquele orgulho de se haverem salvo de cousa tétrica...

Realmente não houve em tal procissão mais que umas tantas contusões, ferimentos ou sustos na nossa boa população alfacinha e nalguma da provinciana que então veio, e bastante, às festas de Santo António. Eu porém que, com menos de nove anos de idade, vi chegado nesse 30 de Junho o meu último dia de vida, acostumei-me a considerar-me um sobrevivente de tal perigo, porque dêle escapei quasi milagrosamente. Por outro lado, será oportuno lembrar que 1895 já lá vai há quarenta e cinco para quarenta e seis anos, isto é, há quasi meio século. E, se em cada ano a morte nos leva umas dezenas de milhares de portugueses, que ao fim de quarenta e cinco anos, são já algumas centenas de milhares dêles, quasi milhões, estão vendo V. Ex.^{as} — Quantos viemos dêsse ano somos já uns notáveis sobreviventes de tão afastado tempo dos fins do século passado...

Sim, porque nós já encetámos a quinta década do século XX. Há poucos anos chamava-se nova toda a pessoa que já era dêste século, que não veio do século XIX. Daqui a pouco só podem chamar-se novas as pessoas que ainda tenham possibilidades de chegar ao século XXI...

Mas... não ficava por aqui o título com o subtítulo. Os antigos usavam para as suas obras muitas vezes títulos duplos, separados por uma disjuntiva. Lá temos nos nossos poemas épicos a «Ulisséa ou Lisboa Edificada» de Gabriel Pereira de Castro e nas óperas jocosas italianas do nosso permanente agrado o imortal «Barbeiro de Sevilha» de Rossini, que primitivamente teve o título de «Alma viva o la Precauzione inutile», isto é, «Alma viva ou a Precaução inútil».

Pois o título desta palestra, para ficar a meu gosto e para não enganar a V. Ex.^{as} que julgam ir ouvir uma descrição ou narração muito completa dêsse curioso episódio da vida da nossa Lisboa, segundo as velhas regras da descrição ou narração: precisa, concisa, objectiva, pictórica, sem digressões nem difusão, devia ter sido este:

«A Procissão de Santo António em 1895, depoimento dum sobrevivente, ou seja: Do que azeiu ao autor da palestra em Lisboa, no dia 30 de Junho de 1895, incorporando-se na procissão de Santo António; com outros casos do mesmo ano, do anterior e do seguinte, dignos de recordação...»

Este, pois, o programa da palestra. Estão V. Ex.^{as} avisados para ficar ou para sair...

O ano de 1895 foi, na verdade, notável na nossa vida portuguesa e lisboeta.

Em 1895 vestíamos ainda luto rigoroso pela morte de Oliveira Martins, esse incontestavelmente Grande das nossas letras, que, pelo tal espírito de contradição, eu gosto ainda hoje de ler, embora sempre a discutir caladamente com êle. Estávamos também ainda no luto de Fernando Caldeira; hoje esquecido, mas durante anos bastante lembrado pela *Madrugada*, pela *Mantilha de Renda* e pelas *Mocidades*, livro de versos, onde havia poesias então muito recitadas.

Entretanto o ano de 1895 também foi tendo os seus mortos, aqueles que anualmente enchiam as últimas páginas do *Almanack do Ocidente*, que foi por tanto tempo uma publicação lisboeta.

Foram entre outros, citados ao acaso, o general João Crisóstomo de Abreu e Sousa, hoje lembrado numa Avenida de Lisboa, porque teve o bom senso de não chegar a 1910, aliás teria desaparecido da toponímia lisboeta, como injustamente desapareceram José Luciano de Castro, Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro e Henrique de Barros Gomes, que não representaram na sociedade portuguesa meios que o honrado general, feito presidente dum ministério naquelas horas turvas que seguiram o *ultimatum* inglês, depois da inutilização de António de Serpa, e trouxeram a revolta do Pôrto de 1891.

Morreu em 1895, prematuramente, muito chorado por quantos o conheceram e admiraram, o major Alfredo Augusto Caldas Xavier, um dos mais brilhantes oficiais dessa pleiade da campanha do Gungunhana e alma da resistência e da vitória de Marracuene.

Morreu também em 1895 o historiador e romancista Manuel Pinheiro Chagas, trabalhador infatigável, como V. Ex.^{as} sabem, embora historiador modesto e muito carecido de rectificações que ao nosso tempo incumbe fazer e divulgar. Era pai daquele herói que foi Frederico Pinheiro Chagas, que, protegido por El-Rei D. Carlos, não quis sobreviver em 1910 à revolta da sua arma contra a Realeza, a que êle jurara fidelidade.

Outro morto desse ano foi Carlos Lobo de Ávila, aos trinta e cinco anos ministro dos Negócios Estrangeiros, o que naquele tempo era qualquer coisa de invulgar. Foi filho do conde de Valbom, que também teve o juízo de morrer antes de 1910, para ficar com o nome nas Avenidas Novas.

Também nesse ano morreram Martens Ferrão e o conde de Almedina.

E, *the last, but not the least*, como dizem os ingleses, isto é, o último na ordem, mas não na importância cá para os nossos Amigos de Lisboa, deve lembrar-se um morto de 1895, que foi Gervásio Lobato, homem de teatro, que teve a sua aura, como colaborador de D. João da Câmara e de Ciríaco Cardoso numa tentativa de criação da ópera-cômica portuguesa. Foi autor ainda não esquecido da *Lisboa em Camisa*, sátira impiedosa dos ridículos da nossa pobre gente lisboeta, e esquecidíssimo duns *Invisíveis de Lisboa*, romance comprido, em que êle preten-

deu para Lisboa a glória de ter também ela as suas alfurjas, os seus mistérios, os seus crimes, como os da enorme literatura parisiense do género — a qual, por esse tempo, em fascículos aos domicílios e nos folhetins dos jornais, convencia as suas leitoras de que Paris devia ser terra de muitos crimes, porque todos os romances vinham de lá...

Já que falei de mortos, quero falar de vivos, isto é, de algumas figuras que viram a luz do dia nesse ano de 1895. Lê-se no *Dicionário de Literatura* que nasceram, entre outros, nesse ano os Srs. António Ferro e Henrique Galvão. E soube há dias que precisamente em 22 de Maio de 1895 nasceu o nosso ilustre consócio e antigo tesoureiro, Sr. Dr. Eduardo Neves, que, há uma semana, aqui nos deu a todos uma lição interessante de Numismática, entremeada com episódios interessantes da vida lisboeta, valorizados pela graça peculiar da sua palavra.

1895, ano abençoado, viu outra coisa que não posso calar: Viu a glorificação nacional dum Poeta!... Foi êle João de Deus, festejado grandemente pelos estudantes de todo o país, designadamente pelos de Lisboa, do Pôrto e de Coimbra que organizaram um cortejo seu, ido debaixo de chuva do Terreiro do Paço à casa do Poeta, na rua que tem o seu nome, ali à Estrêla, onde o próprio monarca, o Senhor D. Carlos, o visitou, para lhe dar a Gran-Cruz de S. Tiago. Destacaram-se nessa manifestação o malogrado escritor Alfredo Serrano e os doutores João de Meneses e Alfredo de Magalhães, êste vivo ainda.

João de Deus comoveu-se muito com a manifestação. Adoeceu pouco depois. Pareceu restabelecer-se. Mas morreu logo no começo de 1896, em 11 de Janeiro.

Por ocasião da manifestação escreveu algumas pequenas poesias, nas quais andava já muito a preocupação da morte próxima. Eis uma delas:

Que vindes cá fazer, oh mocidade?
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Também levo de vós muita saúde!
E em lá chegando a outra vida... escrevo.

A Campanha do Gungunhana foi um dos grandes acontecimentos nacionais do ano de 1895, embora dela não se falasse tanto como depois se falou no ano seguinte, que viu a glorificação dos heróis.

Em 1895 olhava-se sobretudo para a gente que embarcava nos vapores da então Empresa Nacional de Navegação e nuns dois da Insulana com destino a Moçambique, E deve dizer-se que muito imperava então o pessimismo, *derrotismo*, como se diz hoje, sobre os resultados práticos de tal campanha, sem a qual Moçambique teria afinal deixado de ser portuguesa. Mas sabido está que em Portugal a justiça às coisas e às pessoas acorda sempre tarde — lá o disse melancolicamente o nosso último Rei.

No entanto foi em 1895, como V. Ex.^{as} sabem, que o maior núcleo das forças portuguesas, sob o comando do coronel Galhardo, bateu decisivamente as gentes do Gungunhana em Coolela e em Manjacaze, respectivamente em 7 e em

11 de Novembro. E ainda em 1895, a 27 de Dezembro, Joaquim Mousinho de Albuquerque punha termo na aventura do Gungunhana com a prisão do régulo em Chaimite.

A glorificação da campanha de 1894-1895 fez-se, pois, em 1896, logo aos primeiros dias do novo ano.

Esperava-se já a chegada das tropas do coronel Galhardo que vinham no «Zaire» e preparavam-se festejos. Inesperadamente, na noite de 4 de Janeiro, constou na sala de S. Carlos que o conde de Arnoso apresentara a El-Rei um telegrama sensacional recebido de Lourenço Marques. O Governo recebera outro. Pouco depois os dois telegramas, fora de tôdas as praxes, foram lidos ao público. Dizia o telegrama dirigido a El-Rei:

«Lourenço Marques 4 — Conde de Arnoso, secretário particular de Sua Majestade El-Rei, Lisboa — Peço a honra de apresentar, com as minhas homenagens, as entusiásticas felicitações a Sua Majestade pela prisão do Gungunhana e seu filho Godide, levada a efeito pelo valente capitão Mousinho — Lança».

É de calcular o entusiasmo provocado pela leitura dos telegramas. Havia na sala um parente de Mousinho que foi abraçado com efusão. No final do segundo acto da «Africana» foi tocado o hino nacional.

E a notícia passou logo aos outros teatros de Lisboa. De manhã os jornais publicaram-na com grandes letras. E recorde-me de que o meu pai me acordou para me dizer:

— Olha, António, o capitão Mousinho prendeu o Gungunhana...

E eu saltei da cama todo satisfeito. Noites antes tinha eu estado a ler à família uma descrição do combate de Coolela, da qual me deixaram grande impressão a morte do impedido e a do cavalo de Mousinho. E a minha alegria infantil resultava de poder dizer que, ao contrário do que se ouvia de tôda a gente, então muito derrotista, os portugueses ainda sabiam ganhar vitórias. E os retratos de Mousinho, de Galhardo, de Caldas Xavier, de Sousa Machado, de Aires de Ornelas, de Paiva Couceiro, de Eduardo Costa, etc., passaram a enfeitar a minha pequena mesa de estudo e do trono de Santo António, permanentemente armado.

*

Mas o grande acontecimento de 1895 para o povo alfacinha, que não tinha visto as festas do Marquês de Pombal, de Camões, ou as do Príncipe de Gales, com que os velhos de então enchiam muito a bôca, foi incontestavelmente o Centenário Antoniano. Os mortos do ano despertavam a atenção dum dia de jornal e já então se chamavam nomes feios a todos os políticos; os recém-nascidos inte-

ressavam apenas às famílias e não tinham por sinal mais que o nomezinho do baptismo, conforme se atestava nas certidões: — «Baptizei um indivíduo do sexo masculino, ao qual puz o nome de «António», «Henrique» ou «Eduardo»...

A política não era para o povinho e as Actualidades Internacionais eram um bocadinho menos importantes que as de hoje. Falava-se, sim, da guerra de Cuba, do naufrágio do «Reina Regente»; da renúncia de Casimir Périer à presidência da República Francesa por motivo já da célebre questão Dreyfus, creio eu; do raid do Dr. Jameson ao Transvaal; da viagem ao estrangeiro de El-Rei D. Carlos, que não chegou a ir a Roma, com grande mau humor de Crispi contra nós, mas que foi muito bem recebido em Berlim pelo Kaiser; o qual, contam as más-línguas, deu como récita de gala ao nosso Rei a representação do «Rienzi» de Wagner, para lhe mostrar Roma de longe, num pano de teatro... Depois o Senhor D. Carlos recebeu em Londres a Jarreteira das mãos da Rainha Vitória. Estava esquecido o fatídico 1890...

Ora o Centenário Antoniano teve entretanto um comprido programa de comemorações que mal tenho tempo para resumir.

Apesar de centenário do nascimento do Santo, que fôra em 15 de Agosto de 1195, a comemoração fêz-se à volta do dia da morte, isto é, de 13 de Junho, dia do Santo na Igreja.

Inauguraram-se portanto as festas oficiais no dia 13 de Junho com uma solene missa cantada em Santo António da Sé e foi orador, na presença das pessoas reais, o grande pregador do tempo, padre Francisco José Patrício. Cantores eram os da Sé, então dirigidos por Carlos de Araújo.

Nessa e noutras noites tivemos depois a pasmaceira das grandes iluminações na Rua dos Retroseiros e em outras da Baixa. No Rossio parece-me que havia balões. E numa das noites houve o número certo de todos os programas de festas: o fogo de vista queimado na Avenida da Liberdade, que não passava da rua do Salitre de hoje.

Devo lembrar que as iluminações e o fogo de vista foram superados em 17 dêsse mês por outro fogo, de grande vista também, mas de efeitos destruidores. Ardeu nesses dias a Câmara dos Deputados e na extinção do incêndio muito trabalhou a tripulação dum navio, russo então no Tejo.

Em 22 de Junho foi um dos números mais interessantes do programa das festas. Realizou-se no Terreiro do Paço a Festa das Crianças. Nessa manhã tinha eu feito a minha primeira comunhão na pequena igreja de S. João da Praça, apesar de não ter a idade exigida. E nessa tarde andámos, rapazes e raparigas, em cortejo pelo Terreiro do Paço a fazer festa para os outros, como é quasi sempre costume em Portugal nas Festas Infantis. Nós, os rapazes, andámos na Praça dum lado para o outro, com pendões das quinas nas mãos, e as raparigas com palmas.

No dia 26 foi o Cortejo Cívico. Não o vi. Tôda a gente disse mal e, na notícia que dele dá Alfredo Gallis no acrescento, muito infeliz, diga-se, que fêz à «História de Portugal» de Pinheiro Chagas, lê-se:

«O sucesso desta ultra-ridícula palhaçada excedeu tôda a expectativa. Foi

um verdadeiro sucesso de troça. À frente vinha de casaca encarnada, colete branco e chapéu alto, cavalgando um cavalo baio, o conde de Burnay, que obteve um triunfo de gargalhadas... Vinham depois os carros alegóricos ladeados de frades que eram soldados com barbas postiças, que êles levantavam para a testa por causa do calor... O carro da Virtude, precedido por «virgens» contratadas para a festa, passava obscenamente entre os ditos dos mirones.»

E ponho ponto na prosa de Alfredo Gallis...

No dia 29 foi encerrado o Congresso Católico, sem dúvida uma das mais importantes realizações que Lisboa viu, como manifestação católica e como assembléia de grandes figuras do país e do estrangeiro que nêle tomaram parte. Mas... não o lerão V. Ex.^{sa} assim na quasi totalidade da imprensa do tempo. Foi tomado por provocação à opinião liberal e dado como justificação para os tumultos da procissão em 30 dêsse mês e da chamada «caçada aos padres» em 30 do mês seguinte.

E chegámos enfim à procissão. Da sua grandeza e organização fala insuspeitamente Alfredo Gallis no seu citado *Reinado Trágico*:

«A organização não só era imponente, mas obedecia a um critério atilado e a uma metodização bem determinada, sem ridículos nem exhibições que se prestassem a troça.»

No entanto a grande imprensa amesquinhou-a. E a sua melhor reportagem está naturalmente nas colunas do *Correio Nacional* de 1 de Julho dêsse ano.

Parece que era dirigida por Carlos Pessoa, que não me lembro quem tivesse sido, e por um sacerdote então com grande prestígio de orador, deploravelmente perdido depois pelas infelicidades do homem. Chamava-se Napoleão José Tomás de Aquino.

O itinerário da procissão, do qual me lembro perfeitamente, foi: Rua de S. Vicente, Rua de Santa Marinha, Largo de Santo André, hoje Rodrigues de Freitas, rua Infante D. Henrique, Portas do Sol, Santa Luzia, S. Tiago, Limoeiro, Sé, Santo António da Sé, descida da rua da Madalena para a Rua de El-Rei, hoje do Comércio, Rua Aurea, Rossio, Largo do Camões, hoje Praça D. João da Câmara, Praça dos Restauradores, Avenida da Liberdade. Aqui cortava para o largo da Anunciada, descia a Rua de Santo Antão, hoje Eugénio dos Santos, Rossio, Rua Augusta, cortava novamente para a Rua dos Retroseiros, para subir à Madalena, Santo António da Sé e Sé.

Abria-a à curiosidade da multidão um piquete de cavalaria, com uma charanga de lanceiros. Vinham o pendão e um grupo de anjos. Depois a banda da Casa Pia. Como estão ouvindo, dispunha bem.

Tinha por enquanto carácter semi-cívico, semi-religioso. Assim se incorporavam na melhor ordem asilos da infância, escolas primárias de ambos os sexos, alunos e asilados municipais dos asilos Maria Pia e Santo António dos Capuchos, banda e alunos das Oficinas de S. José.

Depois as associações de operários católicos, precária manifestação entre nós dos princípios da Enciclica *Rerum Novarum*, de que hoje falamos muito, mas porventura com a mesma frivolidade de então.

Vinham a seguir as associações populares, os bombeiros municipais e os voluntários, a Real Associação de Agricultura, o Grémio Português, o Instituto 19 de Setembro então miguelista ainda.

Vinham por fim as Sociedades científicas, literárias, comerciais e industriais, os professores e os estudantes das Escolas Superiores, a Sociedade de Geografia, a Mocidade Católica, a Imprensa, as representações luzidas do exército e da marinha, as Câmaras Municipais, etc.

Começava então a parte religiosa do cortejo. Eram as inúmeras confrarias, irmandades e ordens terceiras, com três andores do Santo; creio que respectivamente apresentado como menino do côro, cônego regrante e franciscano, mas não me lembro bem. Depois a cruz capitular, a colegiada, grande como Lisboa não viu mais. Era de seminaristas, de todo o clero da capital e de muito da província, do cabido, de prelados e mais dignidades da nossa Sé e doutras do país. Por fim, sob o pálio, sua Eminência o Cardeal Patriarca D. José III ostentava gravemente um relicário com relíquias do Santo. Fechava o cortejo uma avultada guarda de honra.

Esta a banal reportagem da procissão. Consintam V. Ex.^{as} agora as minhas recordações do que então me aveio

O fraco dos rapazes da minha idade naquele tempo era uma capa nas procissões. Por isso calculam V. Ex.^{as} a minha satisfação, ao ver-me incorporado no cortejo suntuoso, desde a saída da igreja de S. Vicente, onde então entrei pela primeira vez e que pouco tempo depois sofreu as obras do seu último restauro.

Eu vinha incorporado na Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco, a Jesus, à qual pertencia o meu pai. Atrás de nós, vinham os irmãos de Santo Agostinho, aos quais estava confiado um dos andores, que era o do Santo com o hábito de cônego regrante. Esta particular iconografia de Santo António, a quem eu estava habituado a ver sempre no seu hábito franciscano, foi para mim novidade interessante.

Pois bem, eu desci muito contente até à Sé; virei para a rua da Madalena, em direcção à rua dos Capelistas; voltei para a rua do Ouro e já não pensava nos agouros de desordem que na véspera corriam por toda a cidade, quando subitamente eu vi ao fundo da rua, daquele corredor ladeado de gente muito apinhada até ao Rossio, o recuar espavorido, a que não faltou o cómico de todas as cousas muito sérias, das primeiras insígnias da procissão. E imediatamente a invasão do leito da rua pela multidão dos passeios. E ao mesmo tempo ouvi os gritos do pânico da rua e das janelas, que logo se me comunicou...

E eu, que desde a véspera da procissão dizia que, se houvesse barulho, metia-me numa escada, se vem o dissera, melhor quis fazê-lo.

E pronto, sem que meu pai tivesse chegado a dar por isso, agachei-me como pude, enfiei baixamente pela multidão do lado esquerdo da rua, que era aquêlê por onde eu subia, e quasi atingi a porta da escada mais próxima.

Ia porém ficando espalmado em tão pequena largura dos dois ou três metros do passeio.

Vi-me empurrado, atirado, pisado, agarrado, sufocado por tanta gente que

tentava entrar em tropel para as portas das escadas e não tinha a desculpa dos meu nove anos incompletos, nem para eles teve consideração...

Eram homens, eram mulheres, de igual força de punho, de cotovêlo, a abrir passagem a todo o custo; era o demónio ali personificado em tôda aquela gente, a comprimir-me, a desfazer-me, se não me acode o meu pai que, dum salto, quando me viu perdido na multidão em pânico, deliberadamente abriu caminho até mim e nervosamente me arrancou por um braço para o tranqüilo leito da rua. É claro, eu chorava, berrava, arrepelava-me, e só queria voltar para casa...

Tudo isto foi naturalmente passado em poucos minutos, para não dizer segundos; mas o tempo, não o contam os relógios. Tive a impressão duma eternidade de empurrões, arrepelões, esmagamentos, sufocações, de contactos, de atritos com tanto corpo de figura humana, que naquele momento dum «salve-se quem puder» me pareceu de feras em luta e nunca se me apagou.

Chego a crer que daí veio a minha fobia incurável das multidões. Ainda hoje não me convidem para manifestações ou cortejos nas ruas. Criam-me uma atmosfera irrespirável.

É claro que no leito da rua nada me teria acontecido. Todos falaram muito das pessoas incorporadas na procissão, que então fugiram. Mas a verdade é que a maioria ficou serenamente nos seus lugares. O pânico foi sobretudo no público espectador. O andor de Santo António, cónego regente, parou, impassivelmente protegido pelos seus portadores.

E por isso eu me acalmei fãcilmente e voltei à marcha do grande cortejo daí a pouco reconstituído. Apenas me sentia um pouco menos tranqüilo que ao sair de S. Vicente.

A entrada no Rossio, houve outro incidente. Mas já não fugi. Senti-me inclusivamente protegido pelas forças do exército que passaram a ladear a procissão. Do Rossio para lá, lembro-me de ter visto muito curiosamente na varanda do Teatro D. Maria II, do lado da Largo do Camões, a já obesa figura de El-Rei D. Carlos e a da elegantíssima Rainha, Sr.^a D. Maria Amélia, que, disseram depois, tentaram com gestos de calma sossegar a multidão tomada de pânico e evitaram até o emprêgo das armas de fogo pela força pública, que, a ter-se dado, teria sido catastrófico.

De volta à Sé, cantou-se um solene *Te-Deum* que eu ouvi com completa tranqüilidade, na nave do lado do Evangelho. Teve grande imponência.

Mas quem vê a procissão não vai nela. E quem vai nela não a vê. Querem V. Ex.^{as} uma página de Abel Botelho, do seu romance «Amanhã», no qual êle sacrificou aos ídolos do anarquismo idealista, para o que lhe serviu precisamente de local e tempo de acção a Lisboa de 1895, do Centenário Antoniano?

Ei-la:

«Pausada e majestosamente, o incomensurável monstro, êsse desafio arrogante do fanatismo, lá foi desenhando o seu luzido e arrastado perfil, cheirando a novo, escamoso de sagrados brilhos, na serenidade triunfal do céu, pelo dédalo tortuoso das vielas de Alfama.

«Era deveras imponente e majestoso. Impunha-se pela grandiosidade, pela diversidade, pela riqueza, pela sua extensão descomunal. Levou duas horas a desfilar.»

Este o sair da procissão. Agora o tumulto provocado pelo lançamento dos papeluchos:

«O pânico, o alarido, a confusão, o tropel, foram uma cousa indescritível. A ordem era cada um fugir, salvar-se como pudesse. O primeiro grito soltado foi um rastilho. Ninguém se entendia, ninguém se conhecia. Conquistavam espaço adiante de si, implacáveis e cegos como feras. Em instantes tudo estava deploravelmente baralhado e introvertido: um turbilhão de tochas, cruces, hastes de pendões, trapos, bengalas, rendas, imagens, alvas de clérigos e chapéus de senhoras rodopiavam pelo ar. (Vê-se bem que Abel Botelho não sabia o que era uma alva de clérigo, que não é cousa que se escape de cima duma batina dum padre como um chapéu da cabeça duma senhora...)»

«Por parte dos clericais, de toda a beata multidão que por qualquer forma ia colaborando no grande préstito religioso, a confusão e o terror não conheciam limites. Alijavam os andores, largando-os de alto e deixando-os de repente ao abandono, com os santos esmurrados e os varais partidos; atiravam fora os brândões, os bentinhos, as relíquias, os ciriais, as cruces, rasgavam as opas, tapavam furtivamente as coroas sofraldando as batinas. Os seminaristas atacavam os portais abertos e acoitavam-se nos vãos de escadas, despindo as alvas (cá temos outra vez as «alvas»; vê-se que o autor queria dizer «sobrepelizes»). Prelados de todas as categorias foram vistos a fugir também perdidamente, arregaçando as fraldas, sem recato nem vergonha. (Isto é exagêro, senão totalmente falso).

O próprio autor se desmente quando diz que «sob a sacra umbela, entre o deão e o chantre, ficou a figura livida e imóvel do Patriarca, na sua bronça ingenuidade, porventura sonhando já com as palmas do martírio».

É claro que não era apenas o Prelado de Lisboa com o deão e o chantre. Muitos outros Prelados e sacerdotes ficaram nos seus lugares. O pânico foi sobretudo na multidão espectadora, que naturalmente perturbou e acabou por desorganizar o cortejo.

E assim, apenas a multidão serenou e pôde ser contida pela força pública, o próprio autor do «Amanhã» confessa que «a procissão lá procurou recompor-se e retomou o seu itinerário».

Esta a página de Abel Botelho, que pretendeu ser fotografia, amplificada porém, colorida muito daquela irreverência que caracterizava o autor:

E já agora, depois de Abel Botelho, quero lembrar a V. Ex.^{sa} quatro linhas da «Pátria», de Guerra Junqueiro, de comentário azedo a esta procissão:

Isto apenas:

«...debandada de entremez eclesiástico, em que os padres de Jesus, toucos de terror, cegos de covardia, largavam da mão as coroas e as insignias, para melhor se escapulirem, desordenados e fedorentos...»

Eram restos da «Velhice do Padre Eterno»...

*

Trinta dias passados, foi a chamada «caçada aos padres», muito bem preparada ou provocada por grande parte da imprensa de Lisboa, que via em tudo o espectro negro do jesuitismo e, com evidentes propósitos de desorientar a opinião, andava a notificar diariamente desaparecimentos de crianças.

E a opinião da nossa gente que, mais tarde, teve um dos seus primeiros amuos com a força pública do regime republicano, por causa das chineças dos bichos, desorientou-se então completamente. Não havia dúvida; as crianças eram roubadas pelos jesuitas para fazerem delas óleo humano para cura de tísicos...

O primeiro incidente foi na manhã daquele dia 30 de Julho, trigéssimo da procissão, véspera de Santo Inácio. Na praça da Figueira, um pobre seminarista, inadvertidamente, para não pisar uma criança que se lhe atravessou na passagem, pegou-lhe num braço.

As mulherzinhas da praça traziam-no de olho, porque um grito unânime se lhes escapou das gargantas:

— Olha um jesuíta a roubar uma criança!... Mata que é jesuíta!...

E a polícia viu-se doida para salvar das iras da população o inocente seminarista, cujo apelido, segundo os jornais, era Gamboa.

O movimento jesuitóforo pegou-se a toda a cidade e alargou-se em todo aquêlo que não direi santo dia, porque foi bastante endiabrado. Dêle me lembro muito bem, porque o meu pai não me deixou ir para o colégio, não porque tivesse medo de que os jesuítas me roubassem, mas para que eu não apanhasse com alguma das pedras que nas ruas se atiravam a padres ou a suspeitos de padres pela cara rapada. Já então as pedras não tinham letreiro.

A cara rapada era perigosa, sim. Assim o sentiram um cantor da Sé e dois pacíficos comerciantes ou industriais da Covilhã, que tiveram de mostrar que, se não tinham barba, também não tinham coroa...

E acabaram por ser desacatados sacerdotes notáveis da nossa capital, como Monsenhor Cordeiro, director das Oficinas de S. José, Monsenhor Sebastião Rodolfo, etc.

Mas o mais ferido e o mais ilustre dos feridos foi o escritor e orador sagrado, o cônego Sena Freitas. Feriram-no gravemente na cabeça. E, depois do atentado, dizia comovidamente aos seus amigos e admiradores:

— Ainda não tinha derramado o meu sangue pela causa da religião. Agora já tenho essa honra.

A imprensa chamada liberal, sobretudo a «Vanguarda», a «Folha do Povo», a «Batalha», repisava tendenciosamente os roubos de crianças, que afinal a polícia desmentia. Chegou a falar dumas sessenta crianças, algumas com nomes e moradas, para dar aspecto de veracidade ao boato. É claro que no fim de tudo (ainda hoje há crianças, miúdas e tamanhonas, que desaparecem todos os dias...) só duas crianças ficaram dadas como desaparecidas, as quais eram muito simplesmente dois rapazolas fugidos às famílias, um dêles por abuso de dinheiros...

Eu ainda vi nessa tarde um seminarista a fugir adiante duma imensa garotada e de algum mulherio que lhe gritava o clássico «Morrão os jesuítas!».

E, quanto ao roubo de crianças, lembro-me de que tínhamos uma vizinha numa daquelas ruas de Alfama, de vida da casa ganha pelas ruas, e que diariamente saía com o marido à sua labuta, deixando ficar os filhos e filhas à vontade, no meio da rua, para só os encontrar à porta da casa, com o pôr do sol. Pois a boa mulherzinha, quando soube do que corria na cidade, voltou aflita a casa, a cuja porta não encontrou naturalmente a filharada, porque era ainda cedo. Morava ao cimo do primeiro lanço de escadas da Calçada de S. João da Praça, então ainda chamada vulgarmente a «Adiça». Pronto, não viu os filhos, veio logo num berreiro pegado pela calçada abaixo:

— Ai, que me roubaram os meus filhos!...

Meu pai não se conteve e gritou-lhe:

— Oh mulher, para que está você a berrar, quando todos os dias os deixa por aí à solta? Espere pela noite que eles lhe voltarão...

E assim foi. Ao cair da noite, o João, a Júlia, a Olinda, o Alexandre, tais eram os nomes deles todos, não deixaram de aparecer para a ceia e para a deita.

*

Ouviram V. Ex.^{ta} como o Patriarca de Lisboa, que era então Sua Eminência o Cardial D. José Sebastião Neto, se deixou impavidamente sob o pátio, com outros prelados, enquanto, de facto, houve sacerdotes e sobretudo seminaristas que fugiram a bom fugir.

Dessa fuga dos seminaristas ouviu este criado de V. Ex.^{ta} o depoimento do próprio Eminentíssimo Senhor.

Aconteceu que, três anos depois da procissão, este criado de V. Ex.^{ta} com doze anos de idade, foi parar a Santarém, feito um pequeno seminarista entre as muitas dezenas de rapazes que para ali iam e continuam a ir, creio eu, julgando querer ser padres e muitas vezes por conselho ou imposição das famílias que, nesse tempo sobretudo, gostavam muito de ter um padre na parentela.

A minha, tal imposição me não fez. Mas que carreira havia de escolher um rapaz criado naquele religiosíssimo meio como era o de toda a minha gente, que, desde pequenino, me destinava à vida de padre, convencida da minha vocação, porque, na verdade, os meus brinquedos eram tronos, altares e festas de igreja? No colégio, a S. João da Praça, onde eu andava, havia dois jornais de rapazes, com a importante tiragem de um exemplar, feito a lápis, e que diariamente se descompunham: um, o do meu adversário, chamava-se «O Socialista»; o meu chamava-se «A Fé». O meu pai, quando mo viu, deu-me um lápis de côres para as ilustrações e aconselhou-me a que o chamasse «A Fé Católica». E assim fiz...

Pois em 1899 andava eu em Santarém, no segundo ano de latim, para cuja aula, os meus condiscípulos e eu marchávamos garotamente em certa manhã, marcando com os pés o passo mavórtico de soldados, quando Sua Eminência, que então lá estava e nos ouviu no seu modesto quarto, veio ao corredor.

Ficámos todos à espera da reprimenda.

Mas não. Sua Eminência sorria familiarmente para nós e dizia-nos com a sua voz de trovão, por jactos, como costumava:

— Sim senhores, valentes soldados... Mas lá em Lisboa, há quatro anos, na procissão de Santo António, fugiram todos...

Sabem V. Ex.^{as} como D. José Sebastião Neto foi no seu tempo uma grande vítima das campanhas de alguma imprensa. Os de V. Ex.^{as} que leram os «Gatos» de Fialho de Almeida lá encontram mais duma cruel ferroadada do terrível panfletário no bondoso prelado.

Diz-se ainda hoje que o Cardial Neto não era culto.

Não o era, com efeito, se culto se toma como sinónimo de bacharel. Mas não deixava de ter o curso do seminário do Algarve, que frequentou, e posso depor perante V. Ex.^{as}, porque lho ouvi por mais duma vez, que êle tinha grandíssimo interêsse na formação intelectual do seu clero. Prêgava-nos muitas vezes que era preciso que o clero do Patriarcado fôsse culto, instruído, para saber defender a sua doutrina dos ataques dos adversários. Fez estudar aos seus seminaristas mais latim, mais filosofia, mais teologia, grego, hebraico, etc.

Era um simples, sim, um ingénuo, por vezes um deslocado, como muito se contou, por exemplo, de, quando da morte de El-Rei D. Luiz I, ter mandado rezar um Padre Nosso por alma do Monarca que «certamente estava ainda no Purgatório»...

E deixava-se enganar por uma criança, dizia-se.

Isso é verdade e eu posso testemunhá-lo, porque, com os meus doze anos, fui dos que o enganaram. E vou contar como.

Foi quando me admitiu no Seminário.

Eu tinha-lhe sido recomendado por uma carta do Conselheiro Barros Gomes ou do Conselheiro Veiga Beirão, não me recordo bem. Essa recomendação valeu-me ser recebido por Sua Eminência na tarde em que ali me apresentei, acompanhado por um tio paterno.

E V. Ex.^{as} estão ouvindo as recomendações do meu tio, para o caso de Sua Eminência me mandar entrar e me interrogar. Foi um verdadeiro ensaio para a entrevista, porque eu já era então bicho de mato, menos todavia de que hoje... Foi mais tarde que aprendi a ter medo dos homens...

E êle ia-me dizendo pelo caminho:

— Se Sua Eminência te mandar entrar, tu ajoelhas-te, beijas-lhe o anel e respondes com desembaraço a tudo o que te perguntar: quem és, como te chamas, etc.... E, quando êle te perguntar se querês ser padre, respondes logo: — «Sim, Eminentíssimo Senhor...» E, se êle te perguntar para quê, tu dizes: — «Para glória de Deus e salvação da minha alma...»

Muito bem. Chegámos a S. Vicente, lá subimos uma daquelas escadarias que V. Ex.^{as} subiram no passado domingo e a certa altura apareceu-nos o fámulo a dizer-nos que «Sua Eminência queria ver o pequeno».

O meu tio repetiu-me as recomendações com um olhar de quem queria dizer-me que visse eu como me agüentava naquela prova séria da minha vida.

Eu entrei corajosamente no gabinete, com esta decisão que nunca me faltou nas grandes ocasiões. Sua Eminência estava de pé, imponente, com a sua batina cardinalícia, e iniciou logo o interrogatório. Sua Eminência começava tudo por «então»...

— Então, como te chamas? Como se chamava o teu pai? Como se chama a tua mãe, quantos irmãos tens? Onde moras?...

Até que vieram as perguntas fatais:

— Então tu queres ser padre?...

— Sim, Eminentíssimo Senhor...

— Então para quê?...

Pronto. Despejei-a logo:

— Para glória de Deus e salvação da minha alma...

Ainda estou a ver Sua Eminência a olhar para mim. Julgou-se certamente em presença de alguma futura grande figura da Igreja, ali revelada aos seus olhos, sob a aparência dum enfezado pequeno de doze anos. Não passados muitos dias, um officio da Reitoria do Seminário de Santarém avisava a minha admissão. Quanto êle se enganou, estão vendo V. Ex.^{as}...

Apenas podem crer que me saiu cara a renúncia. Tinha pouco mais de catorze anos, que não me serviram de atenuante. Comecei a conhecer então os homens. Ora, quando se começa a conhecer os homens aos catorze anos, é difficil não fugir dêles...

Assim ouviram V. Ex.^{as} que o ano de 1895 foi para mim um grande ano. Deixou-me muitas saüdades, a-pesar-de, já no Outono, me haver quasi rapado com uma febre tifoide, coisa naquele tempo muito séria, que me obrigou a uma convalescença e repouso fora de Lisboa durante muitos meses.

Foi o ano da minha primeira comunhão, como contei, e portanto o daquele dia que nos dizia o bom prior da Sé e de S. João da Praça, o padre João Fernandes Sampaio, (que apenas tinha o defeito de nos apertar demasiado as bochechas), «era êsse o dia mais feliz da nossa vida»...

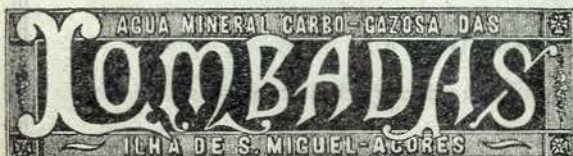
É claro que mais tarde foram-me dizendo que o dia mais feliz da nossa vida era outro: o do sagrado nó do matrimónio...

Já passei portanto pelos dois dias mais felizes da nossa vida. Há um terceiro, porventura o mais exacto, quando saibamos merecê-lo: aquêle em que a deixamos.

Tão feliz para mim êsse ano de 1895 que ainda me lembro do dia 1 de Janeiro de 1896, e que, ao levantar-me, disse a uma das minhas irmãs mais próxima da minha idade:

— Olha, Fulana, o ano de 1895 passa agora a dizer-se «ano passado».

AO PEDIR
AGUA MINERAL
PEÇA



LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

EFEITOS IMEDIATOS NA DIGESTÃO

À venda em tôda a parte

PARA

mobiliar

e

decorar

UMA CASA

consulte o nosso decorador

MOBÍLIAS

MODERNAS

e em estilos clássicos

COMPANHIA ALCOBIA

Rua Ivens, 14 Rua Capêlo, 1 a 9

Facilidade de
Pagamento

A 95.ª PRIMAVERA DA
PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

será celebrada com vá-
rias edições de notáveis
autores nacionais e es-
trangeiros, entre as quais:

Segredo de Amor, romance, por Maria de Figueiredo

Solar Desabitado, romance, por Augusto da Costa

A Garça e a Serpente, romance, por Francisco Costa

Os Mutilados de «Passy», romance, por Chagas Franco

Ainda há Estrelas no Ceu, novelas, por Luiz Farjaz Trigueiros

Há Quem se Esqueça de Viver, romance, por Eduardo Correia de Matos

Uma História de Província, reimpressão do notável romance de João Gaspar Simões

Aldeia Russa, romance, por Ivan Baurine, tradução de César de Frias

“His Master’s Voice”

RÁDIO

GRAMOFONES

DISCOS

AGULHAS

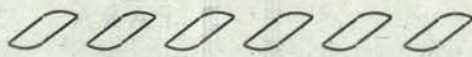


REPRESENTANTES:

EST. VALENTIM
DE CARVALHO

R. Nova do Almada, 97
LISBOA

COSTA
DO SOL



ESTORIL

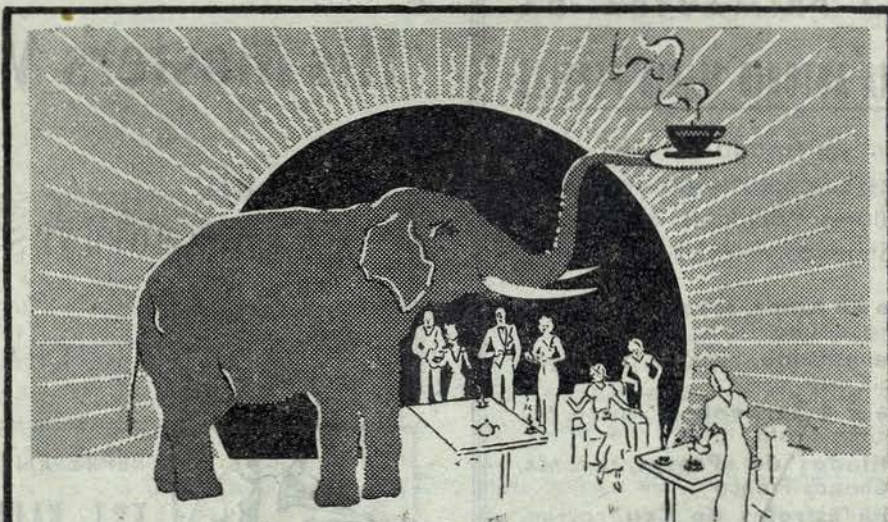


A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

A 24 quilómetros de Lisboa. Excelente estrada marginal. Rápido serviço de comboios eléctricos

Todos os desportos	Golf (18 buracos), Ténis, Natação, Hipismo, Esgrima, Tiro, etc.
Estoril Palácio Hotel	Moderno, elegante — magnífica situação
Hotel Parque	Todo o conforto — Anexos às Termas
Hotel Itália (Monte Estoril)	Excelente cozinha — preços moderados
Estoril — Termas	Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Aberto todo o ano Tratamento do reumatismo, gota, doenças das senhoras e da circulação. Linfatismo e es. rolulose. Obesidade
Tamariz	Magníficas esplanadas sobre o mar — Serviço de Bar Piscina de água tépida — Sala de armas — Escola de equitação — Sala de tiro — Parque infantil
Casino	Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — «Dancing» Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo

Para informações detalhadas dirigir-se à Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL



CHÁ CELESTE

preto e verde, uma delícia!

E disse isto com bastante saúde.

E com maior saúde o lembro hoje, porque já lá vão quarenta e cinco anos passados...

*

Estão V. Ex.^{as} desiludidos da expectativa que lhes foi dada pelas palavras generosas do Ex.^{mo} Sr. Luís Pastor de Macedo, nosso ilustre Secretário Geral e Presidente de mais uma noite das nossas palestras. De facto, a palestra consistiu muito em recortes de jornais, numa página de Abel Botelho e no mais falei muito de mim.

Por isso eu tinha querido apor ao título o tal acrescento, para V. Ex.^{as} não esperarem grande obra.

Assim temos de confessar que não lhes valeu a pena deslocarem-se para este sítio, que noutros tempos foi chamado muito central e que ainda o é às horas do dia, mas não para as saídas nocturnas da maior parte dos nossos associados, hoje distribuídos pelas avenidas norte ou nordeste, beira-Tejo, etc.; e afinal para ouvirem leituras de cousas, já sabidas em letra redonda, e uma série de confidências, que lhes terão parecido tocadas de enfatuado egotismo... Não desmintam V. Ex.^{as}, sabido é que os poetas e poetastros têm má fama neste capítulo.

Entretanto verdade é também que os poetas e poetastros, mesmo os mais ensimesmados, como se diz agora, embora falem muito de si e na primeira pessoa do singular, fazem-no menos por narcisismo, culto do seu «eu», que por suposição de análogas vibrações de simpatia em cada «eu» do seu próximo.

E o valor da sua mensagem está precisamente na simpatia obscura de cada «eu» dos seus ouvintes ou leitores, simpatia que tem o seu «que» dum despertar de reminiscências, como as que via Platão na origem de tôdas as nossas idéias: mero reconhecimento do já existente, do já vivido, sem o sabermos.

E assim penso que nós afinal só gostamos dos quadros, das estátuas, das músicas, dos poemas, das peças oratórias e respectivos sucedâneos como esta, que nós próprios fariamos, porque as temos cá dentro na retina, no ouvido, se fôssemos pintores, escultores, poetas ou oradores mais ou menos atrevidos...

O nosso ilustre Presidente não vai agora dizer, para o comentário que sempre faz com distinção a estas nossas palestras, que eu dei uma lição ao meu auditório. Se quiser ser justo, sem generosidades, dirá que, de envolta com muitas cousas que atabalhoadamente lembrei, fiz aqui uma confissão ou uma série de confissões ingénuas.

Aqui me confessei um pouco, sim, mas não por vaidade, repito. Falei aos Amigos de Lisboa, apenas com o meu entusiasmo, e porventura falei demais. É um facto que os que mais se retraem em confissões, cara a cara, com uma pessoa amiga, mais à vontade falam de si diante dalgumas dezenas ou centenas de auditores...

Por outro lado, sou pessoa que, se não me confesso perante um sacerdote há muitos anos, porque, por meu mal, perdi da religião o que se chama a piedade

de todos os dias, essa humildade de intellecto que deve fazer o sincero católico prático, eu não deixo de fazer em cada noite o meu exame de consciência.

E infelizmente o meu exame de consciência termina muitas vezes pelo arrependimento. Assim receio ter hoje de repetir comigo a conhecida frase de Sócrates:

— Tenho-me arrependido muitas vezes de ter falado, mas nunca de ter estado calado...

V. Ex.^{as} arrepender-se-ão também muito, mas do tempo perdido. No entanto, terão juntado aos seus actos meritórios mais êste, muito próprio da quinta-feira de Ascensão que hoje celebramos: Escaparam do dia, mas não escaparam da noite: não deixaram de apanhar a sua *espiga*...

Pérola do Rocio, Lda.

Casa especializada em
Chá, Café, Bolachas,
Bombons e Chocolates

ENVIO DE ENCOMENDAS
para todo o País e Estrangeiro

Rocio, 105 — LISBOA — Telefone 2 0744

Pró e contra Pombal

por CARDOSO MARTHA

Para um trabalho, que trago entre mãos, tive ensejo de examinar este livro: *Juízo decisivo que a Real Meza Censoria estabeleceu... na execução do Decreto de 18 de Janeiro de 1769 em que S. M. mandou ver e consultar o Livro intitulado Theses, Maximas, Exercícios e Observancias espirituaes da Jacobea — Lisboa, 1769.*

Para o caso de agora não é o livro que interessa, ainda que nêle se fale do Marquês e das suas providências. O que interessa são uns sonetos de punho anónimo manuscritos nas fôlhas de guarda que precedem e sucedem ao texto.

Meia dúzia, ao todo: três de louvor, outros três de maldizer do reedificador de Lisboa. Os primeiros foram escritos depois da sua morte, prova de que muitos lhe persistiram fiéis, já quando a sua mão munificente não podia favorecê-los.

Se Pombal teve quem o admirasse e aplaudisse, encarecendo o esforço construtivo do seu pulso enérgico, também, por outro lado, teve quem visceralmente o detestasse: os atingidos pela sua acção reformadora, os destoantes da sua política, os parentes e aderentes dos que a sua justiça punia, os insubmissos e os pescadores de águas-turvas... Por isso, se numerosa foi a versalhadalouvaminheira ao grande Marquês, alguma tão desaforadamente adulatória que entra pelo ridículo, não menos copiosa é a que o descompõe por tôdas as formas, chegando a entrar-lhe na intimidade e a pesquisar-lhe na própria família as razões do seu malquerer. Tais poesias, porém, como é compreensível, só circulavam de mão para mão entre pessoas de confiança e sob o mais cerrado sigilo...

Vejamos estas, de que acima falei:

SONETOS

À MORTE DO EX.^o MARQUEZ DE POMBAL

1.

A loura cabeleira desgrenhada,
Pelo chaõ negras vestes arrastando,
Anda a triste Lisboa suspirando
Como se reduzida fora a nada.

Com a voz dolorida ao longe brada:
Aos ais respondem ais de quando em quando,
E o Tejo, na cabeça as mãos fechando,
Chora a era, q̃ teve afortunada.

Se outra vez a terra a boca abriira
E engolice das Cortes a Raynha
Maior magua Lisboa não sentira.

Pois dentro de seus muros já não tinha
Quem de lustrozas gallas a vestira
E quem nos fortes ombros a sostinha.

2.

Lá das sete colinas chega emfim
A' mais erguida; em seu redor olhou,
Seus braços nus aos ceus alevantou,
E com choroza voz fallou assim:

«Ay, q.^m me vio, e vé! Pobre de mim,
Que he morto q.^m de novo me fundou!
Quem dentro em novos moldes me riscou!
Quem me deo fama em seculos sem fim!

Quanto vejo, Pallacios, Ruas, Praças,
Porticos, Templos, sua mão potente
Tudo gizou, ergueo em novas traças.

Honrelhe a fronte o louro viridente;
Posto em bronzio metal, louvem lhe as raças
Seu Nome Glorioso eternamente!

3.

De acastelladas nuves rodeada,
Sahia de profunda sepultura
Enorme, melancolica figura,
De tristeza, e de pranto acompanhada.

Alça se em pee, a barba desgrenhada
Lhe decia inda abaxo da cintura;
Nunca mostrou à terra a noite escura
Huma face mais torva, e carregada.

Dos olhos grossas lagrimas chorando,
Do peito dezatou a voz sentida
Que os saluços estavam sofocando.

Era o defunto Luso ⁽¹⁾, q̃ a partida
Do Marquez vinha honrar, e suspirando
O chora morto, pois o amou em vida.

Quem será o autor dêstes encomiásticos sonetos? Não se pode dizer que sejam famosos; mas tenho-os lido piores e de penas conhecidas.

Leiam agora os outros:

AO M. DE P.

Vem ca, Trifáuce, monstro fementido,
Tyrano executor da iniquidade,
Nunca a voz te rompeu da humanidade
O duro Coração, o surdo ouvido:

Quem ja mais áo clamor justo, e sentido
Não respondeo com terna suavidade,
Quem áo rogo abatido na humildade
Se não mostra huma vez entereçido:

⁽¹⁾ Luso, ou Lisio, foi, dizem, o 1.º fundador de Lisboa, e Pay dos Lusitanos.
(Nota do poeta).

Só na tua roca ⁽¹⁾ fala, triste agoiro
Do Tartaro profundo pregoeiro,
Tratas ao merecimento com desdoiro;

Com infame, servil, negra vizeira,
Murchando tanto illustre, e verde loiro,
Trocastes (*sic*) em guerra a placida oliveira.

SONETO

A DEPOZIÇÃO DO BUSTO DO MARQUEZ DA ESTATUA

Metaõ, metaõ com geito essa alavanca;
Empenhe-se a força, mais o cuidado;
Tirem desse lugar taõ respeitado,
Esse Busto infernal, essa carranca:

Fique a Praça Liberta, Limpa, e franca,
Livre ja desse objecto excomungado;
Nãõ seja mais no mundo nomeado,
Quem o Sangue innocente todo estanca:

Esse Monstro cruel, e Dragaõ fero,
Perca as honras, que tinha, perca o brio,
E tenha o fim peor que teve Nero:

E sem que a acção padessa tal desvio,
Dem-me ca esse Busto, por que quero
Que me sirva de tampa a hum Bacio.

Ao contrário do autor encoberto dos três primeiros sonetos, o sujo vate destes dois esperou, vou jurá-lo, a morte de Pombal para bolsar o seu vômito odiento, pois em vida do grande reformador o terror da fôrca ou da masmorra lhe havia de tolher a mão.

Concluamos com êste, não menos odiento, ainda que menos estercorário:

(1) Rouca.

SENTENÇA CONTRA O MARQUEZ DO P.

Accordão em Relação, et Cetera, et Cetera,
Que vistos estes Autos do Marquez,
Os Robos, Assassinos (*sic*), Leis que fez,
Assim tudo o mais, que o (*sic*) Rezaõ penetra:

Imbustes de Apostolica, e falça Letra,
Com que o Reino poz todo a revez,
A Nossa Santa Igreja, que desfez,
De que perdaõ não tem, nem elle impetra:

Se mostra, que ingolfado no Peccado,
Commetteu crime infame, abominavel,
Contra o Rei enormissimo atentado:

Mandaõ, que por serrenar (*sic*) o odio implacavel,
Que o arrastrem, estronquem, e queimado
Nunca mais na Memoria perduravel.

Sic transit gloria immundi!

Estranha o leitor o desconchavo do último verso dêste soneto? Pois é mesmo assim que lá está. Erro, talvez, do copista, ou suposição dos verbos *ser* ou *ficar*, lendo-se então o verso: *Nunca mais* [seja ou fique] *na Memoria perduravel*.

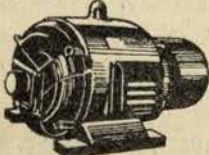
EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-62178
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA ELÉC. LAMPAR


ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATE-
RIAL DE QUALIDADE
SUPERIOR

LÂMPADAS

LUMIAR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES
GERADORES

 **ENAE**
Fabrica nacional



NOTA a uma Nota

por ANTÓNIO R. S. BARBOSA

No presente verão, no decurso das leituras que para mim substituem os prazeres que outros fruem saboreando bons charutos, succedeu que uma nota da obra, que estava lendo, me fêz pensar que poderia trazer, ao anotador, uma insi-gnificante novidade (?), que é o assunto dêste artiguelho.

O livro é a segunda edição do «Leal Conselheiro», da autoria do Sr. Rei Dom Duarte, agora trazido a público por iniciativa do meu amigo, e meu mestre outrora, Doutor Agostinho de Campos, e da Faculdade de Letras de Coimbra, sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura, com anotações do Sr. Doutor Joseph M. Piel, professor da aludida Faculdade.

É na pág. 141, Capítulo XXXVI, «Sôbre departidas cousas que devemos creer», nota 4.ª, que diz assim: «*meestre Vycente*. Se não estamos em êrro, tra-ta-se duma personagem desconhecido.»

É esta personagem que eu julgo que conheço um pouco. Penso que mestre Vicente foi nada menos do que «amigo do mestre de Aviz» (Rei D. João I), «da ordem dos prégadores, fundador (do Convento de S. Domingos de Benfica), fale-cido em 1401, prégador de D. João I e autor de muitos livros», «provincial da sua ordem em Castela e Portugal, inquisidor geral de Hespanha, confessor» do mesmo rei, autor dum volume que existiu na «livraria do infante D. Fernando, assim designado — *Item, hum livro de pregações de frey Vicente per lingoagem*», sepultado na igreja do seu convento de Benfica, onde teve um epitáfio em que se lia «*per illum (fr. Vicente) in hac civitate (Lisboa) et in diversis hujus regni partibus, destructa fuerunt opera diaboli et haereses erroneae, atque idolatriae. Edidit etiam varios libros excellentis doctrinae.*»

Pelos assuntos, pelas datas, pelos cargos que desempenhou, pelas pessoas

(reis D. João I e D. Duarte, infante D. Fernando) que tiveram conhecimento dos seus trabalhos, e foram da sua amizade, etc., tudo me leva a crer que se trata da pessoa que o Sr. Doutor Piel não conseguiu identificar.

A minha ciência tôda vem do belo livro do meu ilustre compatriçio (eborense), o falecido Gabriel Pereira, «Pelos subúrbios e vizinhanças de Lisboa»; tudo o que transcrevo (entre comas) se encontra nas págs. 9, 12 e 27.

Como eu sou um *ilustre desconhecido*, antes de mandar estas linhas para público, troquei impressões com o Sr. Doutor Agostinho de Campos, sem cuja autorização não me atreveria a meter esta minha foice na seara alheia.

Faro (Trav. dos Arcos) — Setembro de 1942.

Telef. 20244

Teleg. Papelcar

Secções de valores
selados e tabacaria

PAPELARIA
CARLOS
de CARLOS FERREIRA, L.^{DA}
34, Rua do Ouro, 38
L I S B O A

Especialidade em livros para
escrituração comercial
Grande sortido de artigos para
desenho e escritório

TIPOS POPULARES

Alberto Carlos Reis e Sousa, falecido aproximadamente há dezena e meia de anos, foi um devotado amigo de Lisboa e da sua história. Para o comprovar bastará dizer que copiou e corrigiu todos os desenhos que Luiz Gonzaga Pereira fizera para serem incluídos no seu trabalho sobre os monumentos sacros da cidade e que hoje se encontra já publicado pela Biblioteca Nacional. Dos inéditos que deixou, por amável deferência da sua Ex.^{ma} Filha, Sr.^a D. Beatriz dos Reis e Sousa, publica hoje Olisipo uma parte do que se refere a tipos populares que ilustraram a vida pitoresca de Lisboa.



GASPAR DA VIOLA

Havia em 1880 um homem que pela sua aparência denotava ter uns bons 60 anos; na sua mocidade ocupava-se no officio de esparteiro, mas por falta de vista e outras circunstâncias anormais de que me não restam dúvidas, na época em que o descrevo, havia muito que deixara o seu antigo officio.

Este homem tornou-se trovador das ruas mendigando o seu sustento.

Chamava-se êle, Gaspar, por antonomasia o *da Viola*, e o destino impeliu-o a granjear a sua subsistência sempre com o auxílio de *cordas*; já fabricando-as, outrora, de esparto, quando a mocidade lhe permitiu o uso do seu officio, já dedilhando-as, de tripa, quando a velhice o surpreendeu.

A alcunha por que se tornou conhecido, proveio-lhe do instrumento, com que por essas ruas explorava o sentimento público, exhibindo-o, como acompanhamento do cantar plan-

gente do «Noivado do Sepulchro» do poeta Soares de Passos, que em tempos remotos tinha já deliciado os ouvidos dos nossos avós; mais tarde reconhecendo que os bemfeitores estavam saturados dessa triste melopeia, variou, metendo no seu acanhado reportório mais um número, mas moderno, que se denominava «A suripanta». Era um trecho muito em voga extraído da opereta «Jovem Telemaco», que nessa época se representava no velho teatro da Rua dos Condes.

Mais tarde decidiu-se a fazer-se acompanhar por uma mulher que cantava deploravelmente em voz de soprano; sempre ignorei se ela fazia parte da família ou se seria figura contratada para em *Duo* exhibirem a sua cega-rega já conhecida

Porém, foi pouca a duração do seu empreendimento porque o vimos mais tarde, fazendo êle a parte musical da mulher com a sua voz, mas em falsete, assim continuando, até que o fatal destino lhe apontou breve a terminação da sua passagem na terra.

O MARTINHO D'ARROIOS

Dêste tipo célebre das ruas, pouco há que descrever. Foi um exemplar exótico, que a natureza produziu num dos seus momentos irrisórios. Era um macrocéfalo, um mudo, numa palavra um ser inútil. Filho duma vendeira de hortaliça que habitava na Rua de Arroios, esta foi-o criando, até à idade que o cheguei a conhecer, com uns trinta anos, sempre raquítico, esquelético, e sempre acompanhado por uma irmã que se entregava ao mister de vender cautelas. Por caridade andava sempre vestido com farda de militar, que mostrava ter pertencido a pessoa de construção regular, mas que no corpo dêle, dava a aparência de estar pendurada num cabide.

Era o gáudio dos rapazes quando o viam, que para o arrelhar lhe dirigiam a seguinte môfa: «Oh Martinho, tu não vais à festa?». Êle exasperado, dava uma espécie de uivos, e fazia constante e desesperadamente, gestos pouco recomendáveis, acompanhados com o estrídulo sêco de quem cuspiam para cima de todos.

Êste vulto que de nada serviu na sociedade, desapareceu há já um bom par de anos.





O ANÃO DOS ASSOBIOS

Conheci-o vendendo meadinhas de torçais e retrozes numa pequena loja da Rua da Conceição (vulgo dos Retroseiros) onde se encarrapitava num banco a-fim-de chegar à altura do balcão para bem servir os seus fregueses.

A alcunha dos *assobios*, foi propalada pelos seus colegas e vizinhos, por ter o costume de encarecer a sua mercadoria, notando aos fregueses que ela era *de três assobios*.

Um dia deixou de comerciar, passando o estabelecimento a novo possuidor, mas conservando a viva saúde do local onde tinha gasto os dias da mocidade em constante labor, mitigava-a passeando diàriamente por essa rua com o traje em que o apresento na figura.

Foi um dos muitos tipos, que deixaram rasto no último período do século XIX.

O C I D E N T E

— REVISTA MENSAL PORTUGUESA —

Direcção: ÁLVARO PINTO,

Preços das assinaturas por ano com direito aos números especiais

Portugal, 115\$00 // Brasil, 120\$00 // Colónias

Portuguesas, 125\$00 // Estrangeiro, £ 1-8-0

RUA DO SALITRE, 155 — LISBOA — PORTUGAL

A Casa de Santo António

A Matos Sequeira

por HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

Agora, que estamos perto da tradicional festa de Santo António, nascido em Lisboa há 712 anos, afigura-se-me interessante dar algumas notas a respeito da casa onde veio ao mundo o taumaturgo que mais adeptos tem na nossa querida e linda cidade e, por isso, vou ver se consigo historiar, sem grandes vãos e muito pela rama, o que tem sido desde o seu início, a Casa de Santo António, apoiando-me para tal nas autoridades a que recorri.

Muito próximo do local onde actualmente se encontra a igreja de Santo António, havia a *pedreira da Sé* e o *Arco* ou *Porta de Ferro* da cidade, em que estava instalada uma ermida de Nossa Senhora da Consolação cuja imagem, trazida de França pelo general Martim Afonso de Sousa, aí se via.

Ora, era neste local que se erguia a casa de Martim de Bulhões e de sua mulher Teresa Taveira, pais de Fernando de Bulhões e onde êste nasceu, tendo aí vivido até 1210, ano em que ingressou em S. Vicente de Fora.

Mais tarde, talvez por 1300, êste solar, por haver sido bérço do Santo, foi adquirido pelo Senado e transformado na igreja que principiou por ser conhecida por *Santo Antoninho da Sé*, servindo ao mesmo tempo de Senado Camarário desde 1326 a 1753, pelo menos.

Foi aqui que D. João III recebeu a bandeira da cidade, que devia ser arvorada nas muralhas de Ceuta. E foi também daqui que saíu a bandeira da cidade, empunhada pelo Conde de Cantanhede, bem como o Senado e o povo no célebre dia 1 de Dezembro de 1640, para se juntarem aos restauradores da nossa Independência. Igualmente era aqui que se efectuavam as eleições para os principais cargos da Nação e onde se arrecadavam os cofres com as reservas da Câmara, etc.

Não se sabe ao certo quando é que o lar paterno de Santo António foi transformado em igreja em sua homenagem. Freire de Oliveira atribui a fundação da primitiva igreja entre o segundo e terceiro quartel do século XIII; parece, porém, que já existia em 1431 visto terem sido trasladados, nesse ano, de S. Vicente

de Fora pelo bispo de Viseu (D. João), os restos mortais da mãe de Fernando de Bulhões ou seja Santo António, consoante se verifica pela inscrição que estava numa das capelas do lado da Epístola e que o terramoto de 1755 arrazou.

Daqui se infere que a igreja de Santo António é anterior a 1495, ano em que o Senado—secundando o desejo de D. João II, confirmado por disposição testamentária executada por D. Manuel I, de construir neste local novo oratório—decidiu erigir um templo que abrangesse tóda a casa dos Bulhões e a que se deu o nome de *Real Casa de Santo António*.

A-pesar-de não haver facilidade de colher elementos officiaes, pode talvez dizer-se que a primeira capela de Santo António, embora de acanhadas proporções, foi absorvida, se não demolida e completamente substituída, pela igreja que D. João II e D. Manuel mandaram levantar; que a referida basílica-igreja era digna do simpático taumaturgo, cousas que se podem comprovár pela inscrição que ainda engrinalda o arco da porta principal, cujas letras de pedra, constituídas por troncos de árvores e de diversos bichos, demonstram o raro engenho de quem a executou.

Aos lados da capela-mór estavam abertos, em pedra, dois letreiros latinos que constavam serem de André de Rezende. Ainda existe, perto da referida capela, a mesma porta de entrada de que se servia Martim de Bulhões. Estava revestida de finas lâminas e chapas de metal, curiosamente trabalhadas e só era aberta no dia da festa do Santo.

Como prova de gratidão a D. João II e a D. Manuel, a Câmara dedicou-lhes a lápida de mármore que se vê agora incrustada na parede sôbre a pia de água benta, ao lado da Epístola, em perfeita simetria com a lápida que comemora a reconstrução pombalina.

Todos os soberanos portuguezes até D. Pedro II (1706) concorreram para o máximo esplendor dêste templo, mas quem os suplantou foi o rei D. João V, que converteu a basílica num dos mais sumptuosos templos da Europa. Por infelicidade, porém, o terremoto e o incêndio que se lhe seguiu, em 1 de Novembro de 1755, quasi destruíram o monumental templo, tendo-se apenas salvo a capela-mór, a venerada e veneranda imagem do Santo e as construções do ponto onde, segundo a tradição, êle nasceu.

Após êsse cataclismo, a Câmara de Lisboa ordenou que se edificasse, entre as ruínas da antiga basílica, uma capela provisória, cuja abertura coincidiu com o primeiro aniversário do tremor de terra.

Entretanto, Mateus Vicente — que já traçara a basílica da Estrêla — planejou a nova igreja em estilo *baroco* a substituir o *manuelino*.

Não há maneira de estabelecer confronto, tal a diferença que existe entre a antiga basílica e o actual monumento, tanto em tamanho como em arte, estilo, magnificência e riqueza.

O actual monumento é muito bem distribuído, deveras claro e forrado de mármore. A Capela-mor é bela e regular; possui quatro altares, afora o altar-mór consagrado ao Orago. Do lado do Evangelho havia o quadro representando o

Santíssimo que transitou para o altar-mór, e existe o que representa *Nossa Senhora da Conceição* e, a mais de meia igreja, o retábulo com a *vera effigie* do Santo.

Do lado da Epístola: Santo António e o Espírito Santo e, em simetria com o retábulo do Santo, pequeno altar consagrado a Nossa Senhora das Dores. Os quadros datam de 1787 e são de Pedro Alexandrino, mantendo-se em bom estado e não tendo sido até agora retocados.

Existe também ainda a *cripta*—que é a capela que fica por baixo do altar-mór— e onde, segundo a tradição, era o quarto em que nasceu o nosso taururgo. Mede 2,35 de largura por 2,10 de altura. O actual desnivelamento que se nota é proveniente da constante elevação do terreno exterior, no decorrer de muitos séculos.

A igreja esteve fechada durante dezasseis anos (1910 a 1926) sendo reaberta ao culto em 14 de Setembro d'este último ano. As obras externas principiaram em Março e as interiores em fins de Junho, razão porque esteve novamente fechada até ao dia 22 do referido mês.

A *cripta* foi modificada; o antigo altar foi substituído pelo actual que é de pedra. O pavimento, que era de cimento, foi tirado e substituído pelo primitivo lagedo, tendo-se aberto nova saída para a porta lateral e desaparecido o alçapão com a sua chapa de ferro, que apenas se abria sob autorização da Câmara no dia 13 de Junho que é a data consagrada ao nosso Santo lisboeta. Foi por diversas vezes mandada restaurar e melhorar, sendo simples a sua disposição. No altar, a meio da parede, nota-se a lápida de mármore, mandada ali pôr pela Câmara em 1859 e que reza assim:

*Nascitur.Hac.Ut.Tradunt.Antonius.Aede.
Quem.Coeli.Nobis.Abstulit.Alma.Domus.*

que, traduzida em vulgata, nos diz:

*Nesta casa, segundo a tradição, nasceu António, aquê
que nos foi arrebatado pela mansão celeste.*

A sacristia possui lindíssimo altar, todo forrado de azulejos representando emblemas e flôres, além de excelentes quadros. O retábulo é do pintor Lisboa, sendo considerado superior aos trabalhos de Pedro Alexandrino. Vê-se ainda um esplêndido crucifixo esculpido em madeira por um sacerdote—João Crisóstomo— que o executou como curioso.

A igreja possui também um excelente órgão.

E aqui está, em breves traços, a história da *Real Casa de Santo António*, colhida de vários livros que compulsei e que tratam do assunto com mais brilho do que a minha desluzida prosa.

Vivenda Maria Thereza—Algés de Cima—10-2-1943.

LISBOA 1900

Os Pregões

Por Raúl de Lacerda

Lisboa, a das horas matutinas!
Pão ganho a correr e a cantar!
Garotos dos jornais e as varinas,
Pregões sonoros, vozes cristalinas,
Sangue moço, descalço, a moirerjar!

Apregoava-se a fruta, a hortaliça;
O peixe espada e o choco para tijelada;
A laranja da China, sã, roliça;
O morango de Sintra e a camoeza
Maçã em voz bem alta e cantada.
E a dama fidalga e a burguesa,
A castiça senhora alfacinha,
Acordava, então, de manhãzinha,
Ao clarim dos pregões em alvorada.

«É da várzea, o par das melancias!»
A meio da perna as saias ondulantes,
As varinas, airosas e bravias,
Os peitos firmes, cheios, provocantes,
A mão leve e a língua sempre afiada,
Não deixam sem resposta qualquer piada
De quem aluda ao seio e ao que apregôa.

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital
22.000.000\$00

Fundos de Reserva
99.500.000\$00

SEDE

95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

Filiais — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Mangualde, Tôres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Conde Barão, e Poço do Bispo
————— (PÔRTO) — Matozinhos —————

Efectua todas as operações bancárias

Casa Africana

Rua Augusta, 161 / Telef. 24264-65 PBX / **Lisboa**

R. Sá da Bandeira, 166 / Telef. 1361 PBX / **Pôrto**

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador, estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvária, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

Preços fixos e marcados em todos os artigos

ON PARLE FRANÇAIS

ENGLISH SPOKEN

Emprêsa Insulana

de Navegação

**CARREIRAS REGULARES ENTRE
Lisboa, Madeira e Açores**

Escalas e datas das saídas dos vapores:

Em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial. Côrvo e Faial (Lages e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele pórtio no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros.

AGENTES:

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º D.

LISBOA

Telefone 20214

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.º

Em Ponta Delgada

BENSAUDE & C.ª

Que lindos os pregões dessa Lisboa!
E o paozinho de alféoa e o gergelim?!
A azeitona a vintém o «selamim»,
O marmelo do forno e a gamboa?!

Uns havia alegres e vibrantes
Como canção de amantes em noivado;
Eram outros dolentes, soluçantes,
Como os plangentes, tristes ais do fado.
Mas todos, de alegria ou tristeza,
Vibravam como notas cristalinas
E a cidade e a própria Natureza
Sorriam, nessas horas matutinas.

Que ternura nesse outró que ouço ainda,
Ecoando em branda magoa pela cidade,
Numa voz já cansada, triste, linda,
Toda um mixto de dôr e de saudade
— E, por isso, talvez, tão lindo fosse —
«Broínhas de mel; quentinhas de erva doce!»

Oh! E essa voz vibrante, de cristal,
Dum garoto descalço, vivo e esperto,
De riso sempre pronto e pão incerto,
Voz de alegria, sã, quente, jovial,
Pela rua a cantar de porta em porta:
«A fresca e rica amora, e é da horta!»

Oh! A Lisboa antiga, à luz do dia!
É o canto do povo, em voz sonora,
Pelas ruas a vibrar, mal rompe a aurora,
Numa alegre e suave sinfonia!

Por vezes, as varinas, mãos nas ancas,
Descompõem-se em língua desbragada.
Mas se o guarda vem tiram as tamancas
Para fugir, já amigas, na abalada!
E paira no ar cada palavrão!...
Ora! A varina é sem educação.
Paciência! Não há trigo sem ter joio.
E, a varrer o ambiente empestado,
Vibra o pregão alegre e afinado
De linda môça: «Oh! Queijo saloio!»

Quem musicou o ar desta cidade
Doirou de luz a própria luz do dia;
Deu-lhe vida e deu-lhe mocidade,
Deu-lhe viço, frescor e alegria.
Branqueou de melodia a sua côr,
Dando à velha Lisboa sangue novo.
E quem desses pregões foi seu autor?
Uma poetisa: — a alma do seu povo!

Noite. Fecham-se as lojas. E às janelas,
Sem o perigo de abraço ou de beijo,
Vão arrulhar as pálidas donzelas
Com o «pãozinho» na rua, em gargarejo!

Ainda se ouvem uns tímidos pregões
De cautelas, para a «grande», a três vinténs.
Passam «coupés» — cocheiro, trintanário,
Parelhas de nervosos alazões.

Em volta do Rossio, outros tréns
Aguardam o freguês retardatário,
O «coupé» um pacífico casal
Ou o par de aventura amorosa;
A «tipóia» o estúrdio barulhento.
Já mesmo os cafés correm o taipal.
Parou o «americano» o trote lento,
O «rippert» a carreira ruidosa.

Que homem é aquele, a caminhar
Apressado, por vezes a correr,
Na mão um longo pau erguido ao ar?!
Não é louco que venha em nós bater.
É êle um funcionário em exercício
Bom das suas funções: — o apagador.
(A antítese foi, há horas, seu officio).
Junto ao candieiro, em gesto aterrador,
Ergue o pau... e truz!
Apaga-se a luz!

E com o pau sempre assim pelas alturas,
Vai deixando Lisboa às escuras!

Mas já quem olhos lance ao Oriente,
Só quanto o casario lh'o consente,
Verá no céu a côr avermelhada
Que anuncia o nascer da alvorada.

E ao longe, do escuro da viela,
Já se ergue uma voz fresca que modela
Um pregão, o primeiro dêsse dia,
Como preâmbulo duma sinfonia
Que irá musicar tôda a cidade;
O primeiro cristal já a vibrar
Na alvorada que surge; o toque que há-de
Dar ao pobre o almôço, ao levantar
Para o trabalho, para a luta dura e sã.
É morta a noite — o vício, a embuscada.
A noite é o artifício. A manhã
Lealdade. E essa voz além indica
Que surge a vida honesta, sã, temperada,
Que o Sol aquece e ela glorifica:
«Fava rica!»

Acompanham esta poesia, devidamente musicados, cêrca de trinta dos mais lindos pregões da Lisboa comêço de século, que ficarão como um curioso e interessante subsídio para a história da sua vida.

A poesia a que acabamos de dar publicidade faz parte do «Lisboa 1900», de cuja edição se encarregou a Parceria António Maria Pereira.

LISBOA

Poesia oferecida ao Ex.^{mo} Sr. Matos Sequeira,
com muita admiração

por MARIA DINIZ — DINA

Lisboa, como és bonita
Vestida de várias côres
Salvé Lisboa, Bemdita!...
Terra de sol e de flores.

És fresca de mocidade
Duma Beleza cristã
Tens os pregões da cidade
Que acordam logo a manhã.

Tens chilreios de pardais
Nos ninhos de telha vã.
Tens os galos nos quintais
— Aleluia da manhã!...

Os sinos tocam mandando
Da terra ao céu a oração,
E as almas vão desfiando,
Um têrço, com devoção.

Lisboa, não és vélhinha,
És sempre bela, gentil.
Tens um porte de Rainha
No teu flanco senhoril.

Palácios de linhas nobres.
Lisboa como és bonita!
Até nas casinhas pobres,
Nas cortininhas de chita.

Cravos pelas janelas,
Cravos lindos encarnados.
Lembram tímidas donzelas,
A falar aos namorados.

Na corda, roupa a córar,
Branca, branquinha de neve.
Asas suspensas no ar,
Num vôo leve, tão leve...,

Lisboa como és garrida!
Quem te deu tanta beleza?
Cheia de côr e de vida
Toda alma portuguesa!

Lisboa acariciante...
És só tu, não tens igual!
És do Tejo a linda amante,
És filha de Portugal!!!

1 de Novembro de 1942.

Velhas Casas de Lisboa

I

A Casa onde nasceu o Beato João de Brito

PELO DR. FREDERICO GAVAZZO PEPERRY VIDAL

(Continuado do n.º 21, págs. 63)

quem ha-de haver o Seu foro annual, requerendo-lhe como tal Titullo lhe mande lavrar Escripura de Renovação de vidas, neste dito Praso, por estas se acharem findas, de que dará um traslado authenticico á Sua propria custa, para o Cartorio do dito Illustrissimo Senhorio Directo, o que ella Emphiteuta agora praticará com a presente Escripura; e isto tudo dentro do tempo de trinta dias, primeiros seguintes á sua successão, e fazendo o Contrario de tudo (fol. 7, v.) o que dito fica, cahirão na pena de (?), essa mesma pena incorrerão não pagando o dito foro tres annos successivos pedindose-lhes: E que alem de tudo o que dito fica, Disse Ella Emphiteuta que Se Sujeita a todas as mais condições e obrigações insertas, e declaradas na primordial Escripura d'Emprazamento deste dito Praso, que todas as ha aqui por insertas, e declaradas, como se de cada hũa dellas se fizesse nesta Escripura expressa e declaradamente. E nesta forma disse elle Procurador do dito Illustrissimo Senhorio Directo que em nome deste havia por (fol. 8) feito este Reconhecimento de Foreira em terceira vida della Emphiteuta Dona Joanna Maria de Jesus Coutinho; Pelo qual foi mais dito, que ella assim o aceita para Si, e a presente Escripura com todas as suas Condições, e obrigações, e as incertas e declaradas na primordial Escripura d'Emprazamento deste dito Praso, que todas humas, e outras, promete e Se obriga cumprir e muito especialmente a d'ella pagar ao dito Illustrissimo Senhorio Directo o dito foro de seis mil seis centos sessenta e seis reis pelo Natal de cada anno, sem duvida alguma e na falta da prompta satisfação do (fol. 8, v.) dito foro annual Se submete, e Sujeita á via executiva com que se costuma proceder na cobrança de semelhantes foros; e para tudo ella Emphiteuta assim o cumprir disse que Se obriga geralmente por todos os Seus bens móveis, e de raiz havidos e por haver, e o melhor parado (?) delles, e em especial o util Dominio deste dito Praso com todas as suas bemfeitorias. E outorgou ella Emphi-

teuta o que respondera por todo o que aqui contheudo nesta cidade perante as Justiças a quem o seu conhecimento pertencer e for requerido, para o que renuncia o Juizo de seu foro, (fol. 9) domicilio e todos os mais Privilegios que a seu favor allegar possa. E por elle Procurador do dito Illustrissimo Senhorio Directo no nome que representa foi mais dito, que elle aceita para Seu Constituinte e da Escripura na forma em que se acha celebrada. Em Testemunho de verdade assim o outorgão, pedirão e aceitarão, e eu Tabeliam o aceito em nome da Pessoa a que toca auzente: Sendo Testemunhas presentes Antonio Joaquim de Lemos Toscano Sollicitador de Cauzas morador no Largo do Colleginho da Graça, freguesia de Nossa Senhora do Socorro, e José Joaquim Victor da Gaia, que (fol. 9, v.) escreve em meu Escriptorio e todos conhegemos Serem elles Partes os proprios aqui contheudos, que na notta assignou elle Procurador do dito Illustrissimo, Senhorio Directo. E por ella Euphiteuta Dona Joana Maria de Jesus Coutinho não poder escrever em razão de molestia, assignou a seu rogo Manoel Antonio Gonsalves de Amorim Caixeiro da Casa della Emphiteuta e na mesma Casa morador e Testemunhas, depois desta Escripura lhe ser por mim lida, Domingos de Carvalho Sotto Mayor, Tabeliam o escrevi = Jacomo Antonio Maria Roncon (fol. 10) = a rogo da Emphiteuta, Manoel Antonio Gonsalves de Amorim = Antonio Joaquim de Lemos Toscano = José Joaquim Victor da Gaya = Traslado dos papeis de que nesta escritura se faz menção = Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego, e Castro Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua Alteza Real = Por este meu Alvara de Procuração dou poder ao Senhor Jacomo Antonio Maria Roncon, para que por mim e em meu nome possa assignar huma Escripura de Reconhecimento, que me faz a Senhora Dona Joanna Maria de Jesus Coutinho (fol. 10 v.) do Praso de humas casas, de que sou Senhor directo Sitas no Postigo de Santo André desta Cidade de Lisboa, pelo foro de seis mil seiscentos e sessenta e seis reis cada anno, para o que lhe concedo todos os poderes que o Direito me facultta. Lisboa em vinte e dous de Desembro de mil oito centos e quatorze = (Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro = Livro tresentos sessenta e seis «Folhas Cento, e Sincoenta e huma = Joaquim Ignacio da Rocha Pereira, e Magalhães, Escrivão do Registo Geral dos Testamentos desta Cidade (fol. 11) de Lisboa e seu Termo e mais Postos Ultramarinos, suas dependencias, Appellações e Aggravos Civeis dependentes dellas, e de suas Revistas em esta Corte e cidade digo Corte, e Casa da Supplicação della por Sua Alteza Real e Principe Regente Nosso Senhor, que Deos Guarde etc. = Certifico aos que a presente minha certidão virem, que provendo o livro numero tresentos sessenta e seis, hum dos do Cartorio deste Officio, nelle de folhas Cento Sincoenta e huma até folhas Cento Sincoenta e duas, achei registado o Testamento de baixo de cuja Dispo — (fol. 11, v.) sição falleceo Manoel Antonio Coutinho, do qual o titulo he o seguinte = Titulo do Testamento = Testamento de Manoel Antonio Coutinho = Testamenteira Joanna Maria de Jesus moradora á Praça da Figueira, Freguesia de Santa Justa = Consta do dito Testamento ser elle escripto a rogo do Testador por Antonio Pedro da Camara, e por ambos assignado aos oito de Julho de mil oito Centos e treze: atesto pelo Reverendo Padre Manoel Joaquim de Almeida, Prior da Parochial Igreja, e Collegiada de Santa Justa (fol. 12) desta Cidade em o dia trinta e hum digo em o dia nove de Julho de mil oito centos e treze: E sendo me pedido por certidão o que no dito Testamento fosse aprentado e passei e o seu theor he o seguinte // = Verba a folhas cento sincoenta e huma = Instituto por minha Universal Herdeira a minha mulher Joanna Maria, a quem da mesma forma nomeyo por minha Testamenteira; a qual não será obrigada a dar contas em juizo, ou fora delle mas sim se lhe — (?) por huma simples attestação jurada aos Santos Evangelhos em (fol. 12, v.) que mostre tudo cumprir = E trasladada a concertei com a que se acha inserta no dito Testamento, que fica em

meu poder, e Cartorio para o dito fim; com o theor da qual passei a presente em Lisboa aos dezaseis do mes de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil outo centos e quatorze = Desta Cento e vinte reis e do papel nove reis: e eu Joaquim Ignacio da Rocha Pereira, e Magalhães a fiz escrever e sobrescrever e assignei = Joaquim Ignacio da Rocha Pereira, e Magalhães = Illustrissimo Senhor = Diz Dona Joanna Maria de Jesus, viuva de Manoel Antonio Coutinho desta Cidade que o dito seu Marido era Emphiteuta em segunda vida de hum Praso de que Vossa Senhoria he Directo Senhorio digo Directo Senhor, constituido com huma Propriedade de Casas as Postigo de Santo André, de que fez a Vossa Senhoria a Escripura de Reconhecimento junta; E porque fallecendo o dito Seu Marido, a deixou Sua Universal Herdeira, como tambem faz certo pelo segundo Documento; e por (fol. 13, v.) consequencia veyo a suçeder no dito Praso em terceira vida o quer delle tambem fazer a competente Escripura de Reconhecimento, facultando-lhe Vossa Senhoria para isso licença; recorre, e Pede a Vossa Senhoria se digne mandar que digo se digne mandar-lhe lavar a dita Escripura de Reconhecimento em terceira vida no referido Praso na forma de Direito e de estilo, visto ter satisfeito os foros como, faz certo = E Receberá mercê = Proceda-se a Escripura de Reconhecimento, de que se me (fol. 14) dará uma Copia para o meu Cartorio. Lisboa no Grilo dezaseis de Dezembro de mil outocentos e quatorze = Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro = E trasladado os concertei com o proprio Documento de Certidão de verba e ditos Alvará de Procuração, Petição e Despacho, a que me reposto, que ficão em meu Cartorio // Eu o D.º Domingos de Carvalho Sotto Mayor, Tab.ºm Propriet.º pc.º de notas nesta Cid.º de Lisboa, e seu termo, por Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor q̄ D.º g.º p. este Instrumento de Reconhecim.º de Foreira em terceira Vida, e Obrigação, de meu Livro de notas a q me Reporto fiz trasladar, sobrescrevy, e assignei em pc.º e Razo em testemunho de verd.º = Domingos de Carvalho Sotto M.ºr.

(Fol. 1) L.º n.º 107, fls, 24, v.

Saibão quantos este Instrumento, de Reconhecimento de Foreiro, e Obrigação virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil outocentos e vinte e cinco, em desasseis dias do Mez de Abril, na Cidade de Lisboa, e Praça do Rocio, no meu Escritório, apparecerão presentes partes a saber de huma, o Illustrissimo Bento Pais de Sande e Castro, moço Fidalgo com Exercício da Casa Real, Freire Conventual da Ordem Militar de Sant-Jago da Espada, e Prior da Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo, da Villa de Palmela, em nome, e como Procurador da Excelentissima Donna Ritta Ignacia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castelo Branco, o que hé constante da Procuração feita em minha notta, neste mesmo Livro, a folhas vinte e duas verço, que nos traslados desta hira Copiada. E de outra Braz da Cruz, commerciante, morador no Largo da Graça, Freguesia de Santa Marinha. Pelo qual foi ditto a mim Tabbellião em presença das Testemunhas ao diante nomiadas, que elle he Senhor e possuidor do Dominio util de hum Prazo de Natureza em Vidas, e de Livre nomeação, de que he Senhoria Directa, a ditto Excellentissima Donna Ritta Ignacia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castelo Branco, em consequencia de ter succedido na Caza de seu falecido Irmão, o Illustrissimo Bernardo (fol. 1, v.) Maria Lourenço Botelho Abreu Rego, e Castro, e se lhe paga de foro annoalmente, pelo dia de Natal, seis mil seiscentos sesenta e seis reis; cujo Prazo se compoem de duas Propriedades de Cazas contiguas, citas ao lado do Nascente, na Rua de Santo André, Freguesia do mesmo Santo, e pelo motivo de assim possuhir o dito Prazo, em o qual he a primeira vida, e ser de seu dever reconhecer sua Excellencia por Senhoria Directa visto ter succedido na Caza de seu Illustrissimo Irmão por esta Escripura, e forma em direito mais firme Reconhece por Senhoria Di-

recta do Prazo de que se tracta á ditto Excellentissima Donna Rita Ignacia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castello Branco, e se obriga pagar lhe annoalmente o ditto Fôro ao pagamento do qual obriga geralmente seus bens, presentes, e fecturos; e em especial Sugeita o Dominio util do mesmo Prazo, com todas as suas bemeitorias, sugeitando-se mais a cumprir com todas as Clauzullas, pennas e obrigações, dos Emprazamentos, antigos e modernos, aos quaes se refere, bem como se de cada hum delles se fizesse aqui expressa, e declarada menção; e o primeiro pagamento do Foro, será feito pello Natal deste corrente anno, e assim sucessivamente, (fol. 2) sem intrepulação alguma, E por elle Illustrissimo Bento Pais de Sande e Castro foi ditto que em nome de sua Excellencia Constituinte, Senhoria Directa, reconhecer por Foreiro do predito Prazo, a elle Braz da Cruz, e em primeira Vida; podendo do mesmo thomar posse, Real, actual, Civel, e natural posseção, e quer a thome ou mão, desse já no nome que representa, lha ha por dáda, e transferida por Clauzullam constitute: E nesta forma houverão presente por bem feita, que cada hum pelo que lhe diz respeito, foi ditto asserta, e se obriga a cumprilla; e que responderão pelo aqui contheudo nesta Cidade, perante as Justiças, onde esta se apresentar, para o que renunciação todos os Privilegios que de Direito podem renunciar, e em seu favor allegar possão. E em testemunho de verdade assim o Outorgão, pedirão e asseitarão, e eu Tabellião asseito, por parte de quem toca auzente, Sendo Testemunhas presentes, Manuel Antonio Ribiro Cerqueira e Manuel Antonio Nunes, residentes no meu Cartorio, que com elles partes na notta assignarão, depois desta lhes ser lida. E eu Pedro de Sepulveda Quintal Pereira, Tabellião o escrevi // Bento Pais de Sande e Castro // Braz da Cruz // Manoel Antonio Ribeiro Cerqueira // Manuel Antonio Nunes // E o traslado da Procu (fol. 2, v.) razão que nesta Escritura se faz menção he o seguinte // Saibão quantos este Instrumento de Procuração virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil outocentos e vinte e cinco, em quatorze dias do mez de Abril, na Cidade de Lisboa, e campos de Santa Anna, Freguesia de Nossa Senhora da Penna, onde eu Tabellião vim, ao Palácio onde reside a Excellentissima Donna Rita Ignacia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro Castello Branco que vive no primeiro estado, ahi se achava a mesma presente e bem assim sua Cunjhada a Excellentissima Donna Maria Antonia de Sande Almeida e Bourbon, Viuva do Illustrissimo Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro; pelas quaes foi dito perante mim Tabellião, e Testemunhas, que por este Instrumento fazem seu Procurador bastante a seu Irmão e Cunjhado, o Illustrissimo Bento Pais de Sande e Castro, Moço Fidalgo com Exercício, Freire Conventual da Ordem Melitar de Sant Jago da Espada, e Prior da Igreja Matriz de Santa Maria do Castello da Villa de Palmella; e lhes dão poder para nesta Cidade, e seu Termo, e onde mais lhe for necessario, e em toda a parte neste Reino, Villa, Cidade, ou lugar onde com este instrumento se apresentar, cobrar, arrecadar, e haver a Si; todas as suas (fol. 3) dividas que se lhes devão, e deverem, seja porque Titulo for, rendimentos de suas fazendas e Propriedades de Cazas, Vencidos, e que se forem vencendo, quantias depositadas, Legados e Heranças, custas, e tudo mais que á cobrança lhe pertença e pela Justiça lhe for julgado, fazendo Cobranças do Erário Regio, Caza da Moeda, e India, Junta dos Juros, Thesourarias, Pagadorias, Alfandegas, Seguros Seguradores Deposito Publico, Senado da Camara, Divida Publica; e de todas as mais repartições onde existam quantias as Outorgantes pertencentes, e recebendo igualmente tudo quanto lhes pertença receber, na qualidade de Herdeiras univerçais do ditto seu marido e Irmão, o Illustrissimo Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro, recebemos fóros ajustando Contas com seus devedores, Inquilinos, Cazeiros, e Foreiros, dando do que cobrar quitações como se lhes pedirem, assignando-as em seus nomes, em Livros, folhas Verbas,

assentos, conhecimentos, e onde mais convenha para bem das ditas cobranças, requerendo-se mandados, e Percatórios de entrega e assignando verbas de seu reconhecimento, fazendo ajustes, concertos, e amigáveis composições, tranzações, quitas, esperas, cessoens, e desistencias (fol. 3, v.) recebendo Titullos de divida Publica, pondo lhes pertences, e negociando os mesmos Titullos, com quem lhe parecer; podendo tambem administrar os bens de suas casas, thomando posses, assignando os Autos precizos, fazendo Averbamentos, despedindo Rendeiros, Inquilinos, cazeiros, e Foreiros, thomando outros de novo, assignando Escrituras de Arrendamento, reconhecimentos de Foreiro, Emprazamentos, Afforamentos, e todas as mais que necessarias forem para os fins referidos, por quanto lhes concedem amplos poderes; e do sobredito e suas dependencias, Causas e Demandas, tanto civeis como crimes, movidas e que se moverem, em que forem Authoras, ou Rés, Requerer, alegar, e defender todo o seu direito e Justiça, opondo-se com Embargos de Terceiro, Senhor e possuidor dando próvas, e Testemunhas, fazendo requerimentos, Jurallos, Variar de Acções, intentar outras de novo, e tudo seguindo thê final Sentença, e sua execução; fazendo, citar, e demandar a quem lhe convier, para as acções que quizer, ajuizar de Alma de assignação de dez dias, ou para Libellos, apresentando a próva necessaria e tudo e adverço contrariar, apontar e agravar, embargar e tudo seguir the maior alçada, jurar em (fol. 4) suas almas, qualquer licito juramento, de Calumnia, desizório, e suppletório que com direito lhes for dádo, fazendo dar, e deixar em quem lhe parecer, por contradictas e suspeições, e de novo se louvar, fazer embargos, desembargos, sequestros, protestos, execuções, Justificações, abelitações, prizoens, consentir em Solturas, pinhoras, lanços, pósses, entregas e remates de bens executádos, em que lançará para pagamento do que se lhes dever, assignar termos, e Autos necessarios para o seguimento das ditas Cauzas. Substabelecer os Procuradores e advogados que quizer, revogallos, e desta uzar, e só para Si reservão a nova citação excepto para os Cazos de variar de Accão porque sendo-lhes util desde já para esse tempo se dão por citadas na pessoa do ditto seu Procurador, e Substabelecidos; e tudo assim praticado este respeito pelos ditos disserão prometião haver por firme e valiozo, por seus bens que obrigavão; assim o outorgarão, e forão Testemunhas presentes «Manoel Joaquim de Araujo, Guimaraens, Negociante, morador na Rua Nova da Alfandega numero vinte e cinco, Freguesia da Basilica de Santa Maria Maior, e Manoel José Ferreira, Criado Grave (fol. 4 v.) do Illustrissimo Monsenhor, Miguel Pais de Sande e Castro, que todos conhecemos serem as Excellentissimas Outorgantes as proprias, aqui contheudas, que na notta assignarão e Testemunhas depois desta lhe ser lido. E eu Pedro de Sepulveda Quintal Pereira, Tabllião o escrevi». Donna Rita Ignacia Lourenço Botelho Abreu Rego Castro (Castello Branco «Donna Maria Antonia de Sande Almeida e Bourbon, Manoel Joaquim de Araujo e Guimaraens, Manoel José Ferreira» E eu Sobre ditto, Pedro de Sepulveda Quintal Per.^a Tab.^o publico de nottas nesta Cidade de Lisboa e seu Termo, por Sua Magestade Fidelissima, ElRey Nosso Senhor que Deus guarde, este Instrumento de meu livro de Nottas a que seu reponso fiz extrahir, Subscreevy e assigney. Pedro de Sep.^o Qtal Per.^a

Reconhecim.^{to} q fez Braz da Cruz á Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita Ignacia do foro de 6.666 de duas morádas de Casas ao Postigo de S. André, 1825.

Titulo do predio no L. de S.^{to} André, e C. do Menino de Deus.

Escriptura da Compra das Cazas a S.^{to} Andre e Calssada do Menino D.^o

N.^o 14.

L 215 fls. 119.

Em Nome de Deos Amen. Saibão quantos este Instrumento de Venda, Quitação geral em direito mais firme seja, Reconhecimento de foreiro e obrigação virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil outo

centos e vinte hum aos vinte dias do mez de Outubro nesta Cidade de Lisboa no meu Escritório na Rua Bella da Raynha apparecerão presentes de huma parte Braz da Cruz, Commerciante e morador no Largo da Graça Freguezia de Santa Marinha, E da outra Evaristo da Silva Mèstre do Officio de sapateiro, e sua Mulher Maria do Carmo, moradores na Rua da Rosa das Partilhas, Freguezia das Mercês. E por elles foi dito a mim Tabellião parante as testemunhas abaixo assignadas Que sendo Senhores e possuidores (fol. 5) de hum prazo em vidas que se compoem de duas propriedades de Cazas contiguas, citas ao lado do Nascente da Rua de Santo André, freguezia do mesmo Santo que tem em huma frente os numeros de dezoito athe vinte, e no seu fundo Cazas Contiguas com frente para um patio, que pertence ao mesmo predio, e tem esta propriedade os commodos seguintes; em numero dezoito he Entrada de hum Armazen com huma so Caza e porta para a Escada, em numero vinte, he Entrada da Loja, devidas em tres Cazas, numero dezanove he Entrada de Escada, com Loja de Recebimento para serventia dos Andares, o primeiro he devido para dois moradores, e cada hum dos quartos delles devidos em (fol. 2) seis cazas e seus despejos e porta para hum Pateo, que tem serventia para a Calçada do Menino de Deus, o Segundo andar, he devido em onze cazas, e seus despejos, e tem no segundo hum Pateo com huma Caza para Creação o terceiro andar he devido em dez Cazas, e hum Pateo de hum lado e hum Quintal de outro, em fundo da Propriedade supra descripta he outra propriedade contigua e nella com frente para o sobredito Patio, e tem duas Escadas, a primeira dá serventia ao primeiro e segundo andar cada hum delles devido em quatro Cazas e a segunda Escada ao lado do Poente dá Serventia a hum primeiro andar devido em trez Cazas, e o Segundo Andar, devido em duas (fol. 2, v) cujos predios formam hum prazo em vidas foreiro a Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro em seis mil e seiscentos reis por anno, e o laudemio de quarentena no Cazo das Vendas e lhe pertencerão a elle Evaristo da Silva no Inventario e partilhas a que se procederá por morte de sua Avó Dona Joanna Maria de Jesus Coutinho, e depois por morte da May delle Outorgante, Maria Bernarda, como consta, de seu formal de partilhas que neste acto me apresentou passado em nome do Desembargador Francisco de Assis da Fonseca Juiz Corregedor dos Orfãos da repartição do meio, por elle assignado, subscripta pelo Escrivão Antonio Gaudencio de Mat (fol. 3) tos e Lemos extraida do processo nos vinte dias do mez de Setembro proximo passado deste anno, e passado pella Chancellaria da Cidade aos vinte quatro do mesmo mez e anno em virtude da mesma tomara posse das mesmas propriedades que lhe foi dada aos quatro do presente mez e anno pello dito Escrivão Antonio Gaudencio de Mattos e Lemos. E que por assim lhe pertencer e por se acharem os ditos predios livres e desembaraçados de dividas, tornas, fianças, hypotecas, se ajustaram com o dito Braz da Cruz a lhe vender o dito prazo constante das ditas duas propriedades de Cazas, como com effeito lhas vende, cede transfere e trespaga pella quantia de quatro contos de reis na forma da Ley livres de Ciza e Laudemio para elles Vendedores, e lhe ficar pertencendo as rendas do segundo semestre do Corrente anno tambem aos Vendedores, e de somente se abonar na dita quantia o foiro do mesmo (fol. 3, v.) corrente anno por o haver elle Comprador ja pago como consta do Recibo do Senhor Direito, igualmente a quantia de cento cincoenta e tres mil seiscentos reis, sendo cento e vinte quatro mil e oito centos reis em moeda metal, e vinte oito mil e oito centos reis, em moeda papel, que elle comprador já entregara a elles Vendedores por conta desta Compra.

(Continua)

Obras oferecidas para a Biblioteca do Grupo «Amigos de Lisboa»

pelos seguintes senhores e entidades:

(Continuação do «Olisipo» n.º 13)

CAETANO DOS REIS

N.ºs 70 — *Lisboa-Sevilha-Paris* (Guia de Turismo).

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

- » 133/142 — *Pequena monografia de São Vicente*, por Norberto de Araújo.
- » 143/152 — *A Urbanização de Lisboa* (1938).
- » 153/160 — *Olisipo* n.º 1 — 1131/140; *Olisipo* n.º 8 — 1277/286; *Olisipo* n.º 9 — 1299/308; *Olisipo* n.º 10 — 1433/442; *Olisipo* n.º 11 — 1473/482; *Olisipo* n.º 12 — 1557/566; *Olisipo* n.º 13 — 1676/685; *Olisipo* n.º 14 — 1753/762; *Olisipo* n.º 15 (1938/1941).
- » 161/170 — *Evocação do Café Martinho* (1936).
- » 171/180 — *Noite de Evocação do Leão de Ouro* (1937).
- » 916 — *Recortes de Jornais* (1942/1943).
- » 1141 — *A Política de D. Afonso V em relação a Castela*, pelo Dr. Luiz E. Bivar de Sousa (1929).
- » 1450/451 — «*Olisipo*» *Berço do Periodismo Português*, pelo Dr. Afredo da Cunha (1939).
- » 1452/453 — *Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett*, por Henrique de Campos Ferreira Lima (1939).
- » 1507 — *Como devo formar a minha biblioteca* (ensaio), por Albino Forjaz de Sampaio (1940).
- » 1541/1550 — *O «Diário de Notícias» e o Século XIX*, por Luiz Teixeira
- » 1551 — *História da Fundação da Ordem Terceira do Carmo e Descrição da Procissão de Ramos*.

N.º 1657 — *Mocidade Portuguesa Feminina* n.º 19.

- » 1745 — *O Classicismo Grego-latino no Episódio da «Ilha dos Amores»*, por J. Peres Montenegro (1936).
- » 1746 — *O Problema do Género das Palavras*, por J. Peres Montenegro (1935).
- » 1747 — *A Influência Horaciana na Poesia Portuguesa setecentista*, por J. Peres Montenegro (1936).
- » 1748 — *As Líquidas*, por J. Peres Montenegro (1935).

JOSE MARTINS DA SILVA

- » 638 — *Espinho Ilustrado* (1931).

DR. EDUARDO NEVES

- » 913 — *Ex-Libris do oferente*.
- » 1237 — *Lisboa na Numismática e na Medalhística*, pelo oferente (1942).

JOSE DIAS SANCHES

- » 914 — *Aquarelas de Lisboa*, pelo oferente (1942).

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

(Sidónio Miguel)

- » 915 — *O Destino Especial do Espírito Alemão na História da Europa*, pelo Dr. Otto Diehl (1942).
- » 1660/661 — *Bagatelas do Tempo Vário*, pelo oferente (1941).
- » 1662 — *Ensaio dum Catecismo Corporativo*, pelo oferente (1941).
- » 1674/75 — *Últimas Bagatelas*, pelo oferente (1942).

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

- » 917 — *Jerónimo Martins (Cento e cinquenta anos de vida comercial — 1792/1942)*.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

- » 1111/143/173/190/213/231/255/289 / 316/330/399 / 422/456/462/492/518/554/568/615/630/670/690/743 — *Indústria Portuguesa*, n.ºs 138 a 160 (1939/1941).

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

- » 1112/144 — *Boletim Oficial do Ateneu Comercial de Lisboa*, n.ºs 42/43 (1939).
- » 1770 — *Catálogo da 1.ª Exposição de Bibliografia Comercial Portuguesa* realizada de 3 a 17 de Outubro de 1937, no Ateneu Comercial de Lisboa.
- » 1783 — *Jogos Florais no Ateneu Comercial de Lisboa* (1938).

COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENARIOS

- N.^{os} 1114/157/183/200/225/249/290/309/324/394/431/469/500/530/587/627 — *Revista dos Centenários*, n.^{os} 8 a 24 (1939/1940).
» 1254 — *Portugal «Oito Séculos de História»* (1940).

CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL

- » 1115/167 — *Arquivo Histórico da Madeira*, fasc. III e IV (1939).

ENFERMEIRO-MOR DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

- » 1116/226/504/505/665/666 — *Boletim Clínico e de Estatística dos Hospitais Civis de Lisboa*, n.^{os} 6 a 10 (1939/1941).

DR. FRANCISCO CANCIO

- » 1117/18/154/55/174/75/76/77/219/20/21/22/23 — *Aspectos de Lisboa no Século XIX*, fasc. n.^{os} X a XV, pelo oferente (1939).
» 1119/151/52/53/178/179/216/17/18/271/72 — *Ribatejo Histórico e Monumental*, fasc. XXIV a XXXV, pelo oferente (1939).
» 1263/270/320/323/412/417/444/447 — *Lisboa de outros séculos (à sombra dos Paços Reais)*, fasc. 1 a 12, pelo oferente (1940).
» 1426/27/443/585/86 — *Contos Ribatejanos*, n.^{os} 1, 2, 3, 6 e 7, pelo oferente (1941).
» 1485/86/87/88/89/90 / 635/36/37/38/39/40 / 41/42/43/44/45/46/47/48/49/50/51/52/53/54 — *Lisboa de Outros Séculos (Cem anos de pitoresco)*, fasc. 1 a 15, pelo oferente (1941).

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

- » 1123/24 — *Portugal ante la Guerra Civil de España — documentos y notas* (1939).
» 1168 — *Portugal* (1939).
» 1188 — *O Estado Novo e a agricultura* (1938).
» 1195/96 — *El Sistema Corporativo Português*.
» 1245 — *A Política Imperial e a crise europeia* (1939).
» 1509 — *Programa oficial das Comemorações Centenárias de 1940*.
» 1512/13 — *La Pensée de Salazar* (1941).
» 1515 — *Salazar — Primeiro Ministro de Portugal*.
» 1578 — *Guia de Lisboa* (1939).
» 1609 — *A Obra de Salazar na Pasta das Finanças — 27 de Abril de 1928 a 28 de Agosto de 1940*.
» 1614 — *As Comemorações Centenárias de Portugal em Roma*.
» 1687 — *O Estado Novo — Princípios e Realizações* (1940).

AUGUSTO CUNHA

N.ºs 1130/161/224/233/274/275/296 / 314/329/396/428 / 464/466/494/521/553/572/
613/659/673/735/751 — *O Mundo Português*, n.ºs 69 a 91 (1939/1941).

CORONEL ANTÓNIO BIVAR DE SOUSA

» 1142 — *A Política de D. Afonso V em relação a Castela*, pelo Dr. Luiz E. Bivar de Sousa (1929).

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

» 1147/48/169/170/192/193 — *Peregrinações em Lisboa, 13 a 15*, por Norberto de Araújo (1939).

DA REDACÇÃO

» 1149/199/227/258/297/357/423/582/655/733 — *Gil Vicente*, revistas n.ºs 6 a 12 (1939); 1 a 12 (1940); 1 a 4 (1941).

ANACLETO BERNARDINO DE MIRANDA

» 1158/230/313/425/484/579/663 — *Acção médica*, fasc. XIV a XX — (1939/1940).

CARLOS RIBEIRO

» 1164 — *Festa de Nossa Senhora dos Martyres* «com officio e missa própria».

ALBERTO EMYLIO MEYRELES

» 1166 — *Lisboa Ocidental* (apontamentos para a monografia do 4.º Bairro), pelo oferente.

DR. LUIZ XAVIER DA COSTA

» 1180 — *Domingos António de Sequeira*, pelo oferente.

CLUB DOS LISBOETAS

» 1197/1556 — *Boletim do Club dos Lisboaetas*, Lourenço Marques (1939/1940).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA

(Câmara de Comércio)

» 1198/226/247/295/319/408/516 — *Revista da Associação Comercial de Lisboa*, «*Comércio Português*», n.ºs 1 a 7 (1939/1941).

RAMIRO BARROS E SILVA

N.º 1201/211/228/243 / 244/248/252/256 / 273/294/310/317/327/331/400/402/406/
420/432/455/458/463/497/498/506/510/517/523/538/571/588/607/616/629
/664/672/689/691/732/744 — *Imprensa Médica*, n.ºs 21 a 24 (1939), 1 a
24 (1940) 1 a 12 (1941).

SECRETARIA GERAL DO MINISTERIO DAS OBRAS PÚBLICAS
E COMUNICAÇÕES

- » 1202 — *Relatório referente ao ano de 1938 da Direcção Geral dos Serviços de Viação* (1939).
- » 1448/449 — *Itinerário das Estradas Nacionais de 1.ª e 2.ª classes e seus Ramais* (Santarém) — (1939).
- » 1539 — *Relatório referente ao ano de 1939 da Direcção Geral dos Serviços de Viação* (1940).
- » 1540 — *Relatório referente ao ano de 1939 da Direcção Geral de Caminhos de Ferro* (1940).
- » 1692 — *Relatório da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, referente ao ano de 1941* (1942).

DIRECÇÃO DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

- » 1203/292/405/460/580/742 — *Boletim da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.ºs 17, 18, 19, 20, 21, 22 (1939/1940).

FILIPE DIOGO VICTOR DOS REIS

- » 1204 — *Catálogo da colecção de quadros, gravuras, estampas, móveis, esculturas e outros objectos do Palácio do Senhor Marquês de Pombal em Oeiras* (1939).

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- » 1205/298/411/421/519/734 — *Revista Municipal*, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (1939)
- » 1207 — *O Carmo e a Trindade*, 2.º vol., por *Gustavo de Matos Sequeira*.
- » 1208 — *A cêrca moura de Lisboa*, pelo *Eng.º Augusto Vieira da Silva* (2.ª edição) (1939).
- » 1209 — *Do Sítio da Junqueira*, por *Mário de Sampaio Ribeiro* (1939).
- » 1210 — *A Fisionomia de Lisboa*, por *Gustavo de Matos Sequeira* (1939).
- » 1215 — *Lisboa na Paremiologia Peninsular*, pelo *Dr. Alfredo da Cunha* (1939).
- » 1261/532/33/534 — *Anais do Município de Lisboa* (1938 e 1939) com os seus respectivos anexos.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Ondas Curtas	
6.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
8.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
10.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
12.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
16.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
16.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
18.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
24.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas
carreiras de África

Sede

RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA

Sucursal

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 73
PORTO

Frota da C. N. N.

«S. Tomé» n/m	9.100 Ton.	«Congo»	5.000 Ton.
«Niassa»	9.000 »	«Tagus»	1.600 »
«Angola»	8.800 »	«Luabo»	1.385 »
«Cubango»	8.300 »	«Chinde»	1.393 »
«Quanza»	6.00 »	«Inhambane»	1.000 »
«Lourenço Marques»	6.400 »	«Ambriz»	858 »
«Cabo Verde»	6.200 »	«Save»	763 »

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS

E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (esgotado)
Noite de Evocação do Leão de Ouro 5\$00 7\$50

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.
Edição vulgar 5\$00 6\$00
Edição especial 12\$00 20\$00

Urbanização de Lisboa 2\$00 3\$00

LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro 6\$00 7\$00

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo (esgotado)
Igreja da Penha de França (esgotado)
A Faculdade de Medicina 4\$00 5\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha 2\$00 3\$00
A Igreja e o Convento da Graça 5\$00 7\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão 4\$00 5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha 8\$00 10\$00
O Campo de Santa Clara 4\$00 5\$00
Bagatelas do tempo vário 8\$00 10\$00

Arq. ANTONIO DO COUTO

A Igreja do Menino de Deus 4\$00 5\$00

LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore 4\$00 5\$00

RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de edilicia citadina 4\$00 5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

A Ponte de Alcantara e suas circunvisinhanças 5\$00 6\$00

Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa 9\$00 10\$00

Olisipo. De 1, 3 a 14 e 16, 18 e 19, 20, 21 e 22
Cada número 2\$50 7\$50

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett 4\$00 5\$00

ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00 5\$00

Edições consignadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$00 7\$50
A Rua das Canastras 6\$50 8\$00

Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mario) 4\$00 6\$00

Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé 6\$50 7\$50
Tempos que Passaram 10\$80 12\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.
Edição vulgar 6\$50 7\$50
Edição especial 13\$50 15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 9 e 11 a 15, cada 7\$00 8\$00

JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza 5\$50 6\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos 4\$00 5\$00

FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX 108\$00 120\$00
Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais 54\$00 60\$00

Lisboa de outro século «Cem anos de Pictoresco» 63\$00 70\$00

ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental 8\$00 10\$00

CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.
Edição vulgar 10\$80 12\$00
Edição especial 18\$00 20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50 8\$50

ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa 18\$00 20\$00
Lisboa-Alcântara / Alvíto 13\$50 15\$00

CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência 3\$00 3\$50
Fundação da Nacionalidade 3\$60 4\$00

JOÃO PINTO DE CARVALHO

(TINOP)
Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00 8\$50

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

Propriedades de S.º Cruz de Coimbra em Lisboa no século XII 4\$50 5\$00

EDUARDO NEVES

Lisboa na Numismática e na medalhística 4\$50 5\$00

JOSÉ DIAS SANCHES

Alguarelas de Lisboa 6\$50 7\$50

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Fredique Mendes — simbolo dos vencidos da vida 5\$00 6\$00

LUIZ TEIXEIRA

Figuras e episódios do Leão de Ouro 4\$50 5\$00
A História da Policia de Lisboa 22\$50 25\$00

Setenta Anos de Vida Activa (Monografia comemorativa do 70.º Aniversario da Associação de Secorros Mutuos dos Empregados no Comercio d Lisboa) 5\$50 6\$00

Em todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa

- N.ºs 1395/636 — *A Ribeira de Lisboa*, vols. I e II, por *Júlio de Castilhó* (2.ª edição) (1940/1941).
- » 1502 — *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, Vol. I, pelo *Eng.º Augusto Vieira da Silva* (2.ª edição) (1940).
 - » 1531 — *Anuário da Câmara Municipal de Lisboa* (1937).
 - » 1569 — *Flôres Portuguesas, porque as não empregar?*, por *Rui Teles Palhinhas* (1941).
 - » 1570 — *Jardins*, pelo *Eng.º Francisco Caldeira Cabral* (1940).
 - » 1590/1606 — *Elementos para a História do Município*, n.ºs 1 a 17, por *Eduardo Freire de Oliveira*.
 - » 1618 — *Lisboa de Lés-a-Lés*, 1.º, por *Luiz Pastor de Macedo* (1940).

SEMINARIO DE ALMADA

- » 1160/182/1206/234/262/293/311/343/403 — *Clamor Pauli*, n.ºs 25 a 38 (1939/1940).

VISCONDE DE PORTO DA CRUZ

- » 1212 — *Revista Portuguesa* (1939).

ALVARO PINTO

- » 1214/229/232/253/257/288/291/315 / 318/355/356/397/404/429/430/457/459/461/471/491/493/529/535/552/555/583/84/612/617 — *Ocidente*, n.ºs 29 a 57 (1940/1942).

JOÃO MARIA FERREIRA

- » 1235/36 — *Da Vida*, Vol. II e III, pelo oferente (1939).
- » 1287 — *Cantigas*, Vol. II, pelo oferente (1940).
- » 1344 — *Sertão*, por *Coelho Neto* (1940).
- » 1345 — *Poesias Escolhidas — 1936* — por *João Cabral do Nascimento* (1940).
- » 1346 — *Monumentos de Portugal*, n.º 6 — (1940).
- » 1347 — *Coisas que hão-de vir (A vida futura)*, por *H. G. Wells* (1940).
- » 1348 — *O Divino Fundador*, por *César Augusto Garcia* (1940).
- » 1349 — *Santa Philomena a Grande Milagrosa*, por *E. D. M.*
- » 1350 — *O Divino Amigo*, por *Jas. Schrijvers C SSR.* (1940).
- » 1351 — *No País dos Pinheiros*, por *Yvonne Pitrais*.
- » 1352 — *Águas do Gerez*, por *Manuel António Soeiro de Almeida* (1940).
- » 1353 — *Visitai a Figueira da Foz — A mais linda praia de Portugal*.
- » 1354 — *Francisco dos Santos «Escultor Estatuário»* (1878 a 1930).
- » 1573 — *Espiritanas* (Poesias), por *José Lopes* (1941).

- N.º 1574 — *Esbôço Analítico de Estética na Obra de João Maria Ferreira*, por Jorge Vernez, (1941).
- » 1575 — *Pátria Nossa Pátria Vossa «Saúdação ao Brasil»*, por António Correia de Oliveira (1937).
- » 1576 — *Sonho Terrificante*, por João de Sousa Machado (1939).
- » 1577 — *O Enamorado da Vida*, por Olegário Mariano (1939).
- » 1633 — *Esbôço Histórico das Águas Minerais de Portugal*, por Luiz de Menezes Accioinoli (1940).
- » 1658 — *Catálogo da 1.ª Exposição Feminina de Artes Plásticas* (1942).
- » 1737 — *Catálogo da Sociedade Nacional de Belas Artes* (1940).
- » 1738 — *O anel da morte*.
- » 1739 — *Catálogo da XXXVIII Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, na Sociedade Nacional de Belas Artes*.
- » 1740 — *Gerez*, por Matias Lima (1939)
- » 1741 — *Catálogo da XXXVI Exposição de Pintura, Escultura, Architectura, Desenho e Gravura, na Sociedade Nacional de Belas Artes*.

EDIÇÕES GAMA

- » 1238/239 — «Aléo» — *Boletim de «Edições Gama»*, n.º 1 e 2 (1942).

SOCIEDADE DE ESTUDOS AÇOREANOS «AFONSO CHAVES»

- » 1240 — *Açoreana*, Vol. II (1941).

HENRIQUE MANUEL NORONHA DIAS DE CARVALHO

- » 1241 — *Breve notícia Acêrca das ossadas e corpos dessecados e ultimamente descobertas na Ermida de S. Pedro de Alcântara, a Santa Apolónia*, por F. Palha (1871).

GRÊMIO LISBONENSE

- » 1242 — *Boletim do Centenário do Grémio Lisbonense* (1942).

MANUEL CHAVES CAMINHA

- » 1246 — *Desfolhar dos Crisântemos*, por Júlio Brandão (1940).
- » 1764 — *Associação Humanitária Bombeiros Voluntários Lisbonenses* (1915).
- » 1765/66 — *Babel*, n.ºs 2 e 3 (1936).
- » 1767 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*, n.º 5, (1937).
- » 1768 — *Boletim Comercial do Ministério dos Negócios Estrangeiros*, n.º 16 (1931).
- » 1769 — *Boletim de Providência Social*, n.º 15 (1924).

- N.º 1771 — *A Eufiteuse*, por António de Carvalho Cirne (1931).
- » 1772 — *1.º Congresso da Ourivesaria Portuguesa* (1925).
- » 1773 — *Cooperativas reconhecidas pelo Ministério do Trabalho como exercendo uma função económica de utilidade pública* (1924).
- » 1774 — *A Crise da Indústria de Pesca — Representação entregue aos Ex.ªs Srs. Presidente do Ministério e Ministros das Finanças, Marinha, Estrangeiros e Comércio* (1931).
- » 1775 — *Estatutos da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria* (1918).
- » 1776/77 — *Estatutos dos «Inválidos do Comércio»* (1929).
- » 1778/79 — *Estatutos da Companhia de Seguros Portugal Previdente* (1915/1919).
- » 1780 — *Estatuto da Cooperativa Predial Portuguesa* (1914).
- » 1781 — *Estatutos da Sociedade de Concertos Sinfónicos Portuenses* (1917).
- » 1782 — *O Problema das Águas Potáveis no Concelho de Cascais*, pelo Dr. Carlos Granja (1932).
- » 1784 — *Lei Orgânica da União dos Interesses Económicos* (1925).
- » 1785 — *Maria da Fonte* (Coplãs da Opereta em 3 actos) (1923).
- » 1786 — *Memórias e Outros documentos, no primeiro Congresso do Trabalho Nacional* (1923).
- » 1787 — *O Brasil as suas dívidas externas e os interesses portugueses*, por Artur Cupertino de Miranda (1934).
- » 1788 — *Moçambique* (Revista de Comércio e Indústria).
- » 1789 a 1792 — *O Moleiro Nacional* (Revista Técnica Económica e Social) n.ºs 1 a 5 (1935/1936).
- » 1793 — *Mutualismo* — Boletim da Associação de Socorros Mútuos na Inhabilitação (1937).
- » 1794 — *O Pôrto de Leixões e a Cidade do Pôrto* (1932).
- » 1795 — *Portucale*, n.º 1 — Vol. I — (1923).
- » 1796 — *Regulamento de Açougues*.
- » 1797 — *Regulamento dos Serviços da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria* (1914).
- » 1798 a 1800 — *Revista Mensal de Seguros, Comércio e Indústria*, n.ºs 94 e 104 (1917/18).

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE ABASTECIMENTO
DE ÁGUA A CIDADE DE LISBOA

- » 1250/358/567 — *Boletim da Comissão de Fiscalização das Obras de abastecimento de água à cidade de Lisboa*, n.ºs 15, 16 e 17.
- » 1499 — *Abastecimento de água à cidade de Lisboa*, pelo Eng.º João Carlos Alves, (1940).
- » 1671 — *Águas de Lisboa*.

LIVRARIA BARATEIRA

- N.º 1251 — *Catálogo do Leilão de Livros — Leilão n.º 1, da Biblioteca do Barão de Vila Nova de Foscôa* (1940).

BANCO LISBOA & AÇORES

- » 1259/260 — *Banco Lisboa & Açores «Elementos para a sua História»* (1940).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA

- » 1276/393 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*, n.ºs 39 e 40 (1940).

OCTAVIO DE BRITO

- » 1312 — *O Regime Jurídico da Exploração das águas subterrâneas em Portugal*, pelo oferente.

JOÃO SALDANHA D'OLIVEIRA E SOUSA

(Marquês de Rio Maior)

- » 1325 — *O Marquês de Pombal acusado e defendido*, pelo oferente (1940).
» 1752 — *Os Saldanhas na Restauração de Portugal*, pelo oferente (1941).

ARCHIBALD MAC LEISH

- » 1328/631 — *A Fundação Hispânica na Biblioteca do Congresso* (1940).

GASPAR MARIA LEAL GOMES P. CABRAL

- » 1332/1341/398/424/454/483/508/520/581/608/625/638/688/736 — *Brotéria*, fasc. 1 a 6 (1939) Vol. XXIX — 1 a 6 (1940) Vol. XXX — 1 a 6 (1940) Vol. XXXI — 1 a 6 (1941) Vol. XXXII.

CASA DE LAFÕES

- » 1342 — *Casa de Lafões — Programa das Festas das Comemorações Centenárias* (1940).

EDUARDO DA CUNHA E COSTA (PICOAS)

- » 1359 — *Catálogos do Grémio Artístico* (1891 a 1899).

- N.º 1360 — *Catálogos da Sociedade Nacional de Belas Artes.*
- » 1361/1366 — *Catálogos da 1.ª a 6.ª Exposição de aguarelas, desenho, pastel e miniaturas na Sociedade Nacional de Belas Artes (1915/1920).*
 - » 1367/1387 — *Catálogos de 31 Exposições de pintura, escultura, arquitectura, desenho e gravura, na Sociedade Nacional de Belas Artes (1914 a 1934).*
 - » 1388/1392 — *Estampas com várias vistas (1844/1845).*
 - » 1524 — *Ermida de S. Roque (1940).*
 - » 1525 — *A Capela de S. João Baptista, por Sousa Viterbo e R. Vicente de Almeida (1902).*
 - » 1526 — *Algumas Peças executadas por Leitão & Irmão — Antigos joalheiros da Coroa (1879).*
 - » 1527 — *Baixela Barahona problema de arte — Leitão & Irmão (1900).*
 - » 1528 — *Banco Lisboa & Açôres — Elementos para a sua História (1940)*
 - » 1621 — *Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade (26 de Junho de 1931).*
 - » 1622 — *Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade (28 de Julho de 1929).*
 - » 1623 — *Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade (24 de Julho de 1927).*
 - » 1624 — *Apontamentos sobre a actual administração da Venerável Ordem Terceira da Nossa Senhora do Monte do Carmo em Lisboa, por António Pais de Andrade Baeta (1933).*
 - » 1634 — *Companhia de Seguros «Fidelidade» — 1835-1935.*

CONDE DE ALMADA

- » 1401 — *Relação dos feitos de Dom Antão Dalmada, pelo oferente (1940).*

LUIZ VARELA ALDEMIRA

- » 1407 — *Alcobaça Ilustrada, pelo oferente (1940).*
- » 1503 — *Notas sobre a vida e a obra do Pintor José Veloso Salgado, pelo oferente (1940).*

CÉSAR AUGUSTO ROSALLIS

- » 1409/10 — *Revista dos Industriais de Panificação (1940).*

CORONEL MIGUEL GARCIA

- » 1418 — *Pátria Portuguesa — Fundação — pelo oferente (1940).*
- » 1419 — *Pátria e Independência, pelo oferente (1937).*

INSTITUTO DE CULTURA ITALIANA EM PORTUGAL

N.º 1465/514 — *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 2 e 3.

» 1750 — *Italia e Portogallo*.

JOSÉ ROGADO

» 1467/68 — *Os amores de Judit*, pelo oferente (1939).

JOÃO PEREIRA DIAS

» 1470 — *Cenários do Teatro de S. Carlos* (1940).

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

» 1472 — *Os Primitivos Portugueses (1450-1550)* — pelo Dr. Reinaldo dos Santos (1940).

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

» 1495 — *Volúpia*, pelo oferente (1940).

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

» 1496 — *Do Mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas, e de sua excelsa fundadora*, pelo oferente (1942).

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

» 1501 — *Construções Coloniais*, pelo oferente (1940).

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

» 1511/537 — *Relatório das suas gerências de 1938/1939 (1940/1941)*.

DR. JOSÉ CASSIANO NEVES

» 1522 — *Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira*, pelo oferente (1940).

ROLLIN DE MACEDO

» 1536 — *Estrada da Vida*, pelo oferente (1940).

UNIÃO DOS GRÉMIOS DOS LOJISTAS DE LISBOA

N.ºs 1589/626/663/669/731 — *Boletim da União de Grémios dos Lojistas de Lisboa*, n.ºs 1, 2, 3, 4 e 5.

DOMINGOS PINTO COELHO

- » 1610 — *Uma sessão de homenagem* (1941).

CORONEL GODFREY POPE

- » 1611 — *Vista de Lisboa*.

DR. FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

- » 1619 — *Uma nova lição da «Viagem por Terra» de António Tenreiro*, pelo oferente (1938).
» 1620 — *Vista Panorâmica de Lisboa datada de 1463*, pelo oferente (1938).

SOCIEDADE INDUSTRIAL FARMACÊUTICA

- » 1628 — *Farmácia Azevedo, Filhos — António Feliciano Alves de Azevedo*.

LEIRIA & NASCIMENTO, LDA.

- » 1656 — *Catálogo dos Quadros, Objectos de Arte, Pratas, Mobiliário e Porcelanas que guarneciam o Palácio Pôrto Corvo*.

BENTO FARIA, MANUEL FERVENÇA E FERNANDO FERREIRA

- » 1667 — *Revista «O Pão Saloio»*, pelos oferentes (1940).

ENGENHEIRO AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

- » 1693 — *Chafarizes Monumentais e interessantes de Lisboa desaparecidos*, pelo oferente (1942).

SECRETARIA DE ESTADO DA REPÚBLICA DOMINICANA

- » 1694/95/96/97 — *Documentos Históricos Procedentes Del Arquivo das Índias*, tomos II a V.
» 1698 — *Pensamentos a Trujillo*, tomo II.
» 1699/700/702 — *Memoria de Relaciones Exteriores*, 1936/37/38.

- N.º 1703 a 1712 — *Boletim oficial da Secretaria de Estado de Relaciones Exteriores — República Dominicana* — N.º 2 a 13 — Vol. IV.
- » 1701/1713 a 1721 — *Boletim oficial da Secretaria de Estado de Relaciones Exteriores — República Dominicana* — N.º 15 a 20, 22, 24, 36 a 38 — Vol. V.
- » 1722 a 1730 — *Boletim oficial da Secretaria de Estado de Relaciones Exteriores — República Dominicana* — N.º 27 a 35 — Vol. VI.

TUDE M. DE SOUSA

- » 1749 — *S. Tude — No Agiologio — Na Conquista de Lisboa — Na Restauração de Portugal*, pelo oferente (1942).
- » 1763 — *Notas Bibliográficas*, pelo oferente (1941).

BANHOS DE S. PAULO

AGUA MINERAL DO ARSENAL DE LISBOA

A mais mineralizada e mais sulfidricada de todas as águas analizadas

Água fria, hipersalina, sulfidricada, cloretada, mista (sobretudo sódica), sulfatada, cálcica e maguesiana, levemente bicarbonatada mixta (sobretudo cálcica). Além disso é muito brometada, iodetada, ligeiramente fluoretada, silicatada, litínica, férrea, etc. É uma água de composição química muito complexa, notável pela grande variedade dos seus elementos e bacteriológicamente pura. — (Ch. Lepierre)



Empregada na cura do reumatismo, gôta, neuralgias, asma, bronquites (faringites), rinites, doenças das senhoras, da pele e sífilis.

«Massagens» médica, geral e debaixo de água.
Novas instalações: Duche escocês Duches sub-aquáticos. Massagens debaixo de água. Banhos Carbo-gazosos. Inalações. Pulverizações. Irrigações nasais.

AMIGOS DE LISBOA

Lista dos sócios aprovados desde Julho de 1940 a Dezembro de 1942

- 1019 — Joaquim Dias Ferreira, empregado no comércio
- 1021 — D. António Alvito, proprietário
- 1022 — Dr. Calixto Armindo, advogado
- 1025 — João Afonso de Almeida, empregado de escritório
- 1027 — Sociedade de Representações Gambrinus, Ld.^a
- 1029 — Pedro Rodrigues Formigal Luzes, estudante
- 1030 — Aureliano de Mira Calhau, empregado de escritório
- 1032 — José Correia da Cunha, sacerdote católico
- 1033 — Dr. António Augusto Custódio Fernandes, médico
- 1035 — Vasco Semedo, inspector da Alfândega aposentado
- 1037 — João Roberto de Vasconcelos Frazão, estudante
- 1038 — Augusto dos Santos Nazaré, empregado no comércio
- 1039 — Fernando José da Cruz Júnior, comerciante
- 1040 — J. A. Goldie, comerciante
- 1041 — Guilherme Graham Júnior & C.^a
- 1042 — Casa Africana
- 1043 — Dr. Vítor Manuel Braga Paixão, Director Geral da Assistência
- 1044 — J. M. Cordeiro de Sousa, arqueólogo
- 1046 — Dr. Francisco Lage, escritor
- 1047 — Dr. António Luiz Gomes, Director Geral da Fazenda Pública
- 1048 — João Moreira da Silva, comerciante
- 1049 — Gomes de Amorim, engenheiro
- 1051 — António Maria Lopes, proprietário
- 1052 — Dr. José Pires Cardoso, advogado
- 1053 — José da Piedade Júnior, Administrador da Companhia de Seguros Portugal
Previdente
- 1054 — Dr. Domingos Centeno, advogado
- 1055 — Dr. Afonso Lopes Vieira, escritor
- 1056 — Gonçalo de Melo Breyner, architecto

- 1058 — Ermete Pires, industrial
- 1059 — Companhia do Papel do Prado
- 1060 — Carlos Garcia Alves, engenheiro
- 1061 — António de Macedo, empresário teatral
- 1062 — Gaspar do Couto Ribeiro Villas, oficial do Exército
- 1063 — Laurindo de Almeida Vasconcelos, empregado no comércio
- 1064 — Dr. Ricardo Ribeiro do Espírito Santo Silva, banqueiro
- 1065 — Lopo Lauer, empresário teatral
- 1066 — Jorge Nolasto Tota, comerciante
- 1068 — Ercília Nolasto da Silva, doméstica
- 1069 — Luiz Bebiano Nunes Cartaxo, estudante
- 1070 — Bernardino Alves Correia, comerciante
- 1071 — Rui Martins, empregado de escritório
- 1072 — D. Alice da Luz Fausto de Sousa, empregada bancária
- 1073 — João da Silva Rosado, funcionário público
- 1074 — João Lopes Serra, empregado no comércio
- 1075 — Álvaro Gomes Pinto, comerciante
- 1076 — Joaquim Fernando Dias Daniel, gerente comercial e de seguros
- 1077 — D. Rosária do Nascimento Canas Franco, proprietária
- 1078 — Grandes Armazéns Grandela
- 1079 — Dr. Mário Tavares Chicó, conservador do museu da Cidade
- 1081 — Álvaro dos Santos Nascimento, calista
- 1084 — Hotel Avenida Palace
- 1085 — Hotel Aviz
- 1086 — Alberto Totta, proprietário
- 1087 — Simões & C.^a, Ld.^a
- 1088 — Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica, (Lumiar)
- 1089 — Electrolux, Ld.^a
- 1090 — General Alberto Peixoto e Cunha, oficial do Exército
- 1091 — Hotel Internacional
- 1092 — D. Maria Augusta Basto, professora
- 1093 — Dr. João Carlos Mascarenhas de Melo, coronel médico
- 1095 — Pedro Fernando da Costa Pereira, professor
- 1096 — Vasco Bensaúde, proprietário
- 1097 — Empresa Insulana de Navegação
- 1098 — Comandante Joaquim Anselmo da Matta Oliveira, oficial da Marinha de Guerra
- 1099 — Dr. Samuel Maia, médico e publicista
- 1100 — Pedro Augusto Severino Mendes, funcionário público
- 1101 — Eugénio António Cavalheiro, empregado de seguros
- 1102 — Dr. José Marques do Carmo Catarino, médico
- 1103 — José António Balançuela, comerciante
- 1104 — E. Pinto Basto & C.^a, Ld.^a

- 1105 — João de Brito, Ld.^a
- 1106 — D. Albertina Martins de Brito, proprietária
- 1107 — António de Sousa Calvet de Magalhães, empregado bancário
- 1108 — Sociedade Industrial Farmacêutica, S. A. R. L.
- 1109 — Manuel Martins dos Reis, empregado no comércio
- 1110 — José Rodrigues Machado, construtor
- 1111 — José Antunes Pereira, empregado de escritório
- 1113 — Alberto Ramos da Costa, guarda-livros
- 1114 — José Martins dos Reis, ajudante de solicitador
- 1115 — Francisco Fernandes de Oliveira, industrial
- 1117 — Dr. Alberto de Bettencourt, médico
- 1118 — Frederico Batalha Ribeiro, comerciante
- 1119 — Alfredo de Araújo Mourão, comerciante
- 1120 — Norberto Marques, reformado da C. P.
- 1121 — José António Martins, proprietário
- 1122 — Júlio da Cruz Ramos, oficial da Marinha Mercante
- 1123 — D. Maria Cecília Constant Ribeiro da Silva e Sousa, estudante
- 1124 — Carlos Costa Pereira, empregado na navegação
- 1125 — Dr. Luciano José Oliveira Ribeiro, escritor
- 1126 — Feliciano Miguel, maquinista da Marinha Mercante
- 1127 — António Tavares Formiga Ferreira, comerciante
- 1128 — Manuel Cardoso Marta, funcionário público e publicista
- 1129 — José Horácio dos Santos Domingues, guarda-livros
- 1130 — Mário L. do Rêgo, comerciante
- 1131 — Adelino Artur Baumbery da Costa, comerciante
- 1132 — Mário Pinto Pacheco, empregado bancário
- 1133 — Raúl Bernardo da Conceição Alves, comerciante
- 1134 — José Francisco da Costa, comerciante
- 1135 — José dos Santos Tiago, comerciante
- 1136 — José Nunes Correia de Araújo, comerciante
- 1137 — Cónego Dr. Joaquim Maria Pontes, Prior de Arroios
- 1138 — D. Raquel Elvira Carvalho de Almeida, analista do Inst. C. Higiene
- 1139 — Aires da Silva, empregado bancário
- 1140 — Sena Sugar States, Ltd.
- 1141 — Abecassis (Irmãos), & C.^a
- 1143 — D. Clotilde Dionísio Marques, professora
- 1144 — Eduardo Miranda Júnior, empregado de escritório
- 1145 — Alberto de Carvalho, oficial da Armada
- 1146 — António Soares, empregado bancário
- 1147 — João da Silva Júnior, empregado no comércio
- 1148 — Maria Amélia Soares, auxiliar de laboratório
- 1149 — Dr. Mark Athias, médico e professor
- 1150 — Armando António Martins de Figueiredo, industrial

- 1151 — Francisco José Gavazzo Nobrega de Lima, estudante
1152 — Fernando de Lima Alves da Silva, engenheiro de minas
1154 — D. Lina Sanz Viana Ruas, empregada na Emissora Nacional
1155 — Dr. Júlio Duarte Homem Cristo, médico
1157 — António Lima Júnior, em pregado no comércio
1158 — D. Branca Nunes Baptista Fuschini, professora
1159 — Davide Moreira, comerciante
1160 — Felipe Neves Pereira Barbosa, comerciante
1161 — Dr. José Nunes Gonçalves, professor universitário
1163 — Rui Serrano, empregado no comércio
1166 — Daniel Roque de Oliveira, empregado de seguros
1168 — D. Maria Julieta Reis, doméstica
1169 — Bernardino Martins de Almeida, contabilista
1170 — Dr. Leonel Ribeiro, advogado e professor
1172 — Alberto Celso da Silva Pico, oficial do Exército
1173 — Alvaro Cannongia, funcionário público
1175 — Augusto César de Almeida Varela, funcionário público aposentado
1178 — Manuel Gomes Barradas de Oliveira, jornalista
1179 — Henrique Manuel Noronha Dias de Carvalho, funcionário público
1180 — Dr. José Alves Baptista de Mendonça, professor
1181 — Mário Ramos, empregado bancário
1183 — Alexandre Carvalho de Oliveira, maçagista
1184 — Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho, engenheiro civil
1185 — Sebastião de Caires Fernandes, comerciante
1186 — Gastão Benjamim Pinto, engenheiro civil
1187 — Maximino José de Almeida, contabilista
1188 — Dr. Carlos Manuel da Silva Lopes, funcionário público
1189 — Coronel Mário Xavier de Brito, oficial do Exército
1190 — António Rodrigues Natário, agente da Polícia Marítima
1193 — Fernando José Marques da Costa, jornalista
1196 — Pedrosa Martines, engenheiro
1197 — Dr. Tavares de Almeida, médico e jornalista
1198 — Máximo Serrão Correia, jornalista
1199 — Joaquim Ferreira Alves Júnior, guarda-livros
1200 — Pedro de Queiroz Gaivão, proprietário
1201 — Augusto dos Santos Pinto, jornalista
1203 — José Henrique da Rocha Ramos, jornalista
1204 — Luiz Caldeira Lupi, jornalista
1208 — José Boavida Portugal, jornalista
1209 — Francisco de Melo Castro, engenheiro
1211 — Pedro Correia Marques, jornalista
1212 — João Paulo Nazaré de Oliveira, engenheiro
1213 — Boaventura Miguel Alvaro de Noronha, funcionário público

- 1216 — Eduardo Rodrigues de Carvalho, engenheiro
1218 — Dr. José Rodrigues Fernandes, advogado
1219 — José de Sommer Ribeiro, oficial do Exército
1220 — Dr. Fernando Eugénio da Costa Vieira, advogado
1221 — José Bernardo Pereira Martins, engenheiro-agrônomo
1222 — Inácio de Magalhães Bastos, comerciante
1223 — Manuel Álvaro da Costa Baptista, comerciante
1224 — Jerónimo José da Silva Júnior, empregado bancário
1226 — Rui de Sá Carneiro, engenheiro
1227 — Eugénio Sobreira de Figueiredo e Silva, farmacêutico químico
1228 — José Nunes Rodrigues da Silva, chefe da 1.ª secção judicial — Sintra
1229 — D. Maria Isabel Guerra Junqueira Mesquita de Carvalho, doméstica
1232 — António Luís de Aguiar, chefe de secção da C. R. G. E.
1233 — Afonso de Araújo Sommer, empregado no comércio
1234 — D. Leopoldina Conceição Fernandes, enfermeira-chefe A. N. Tuberculosos
1235 — António Ferreira da Cunha, guarda-livros
1236 — João de Almeida Pinto, farmacêutico
1237 — António Arantes de Oliveira, engenheiro
1239 — Joaquim Constantino Goucha, industrial
1240 — D. Ema Dias Costa, doméstica
1241 — José de Sousa Veloso, comerciante
1242 — Virgílio Simões, comerciante
1243 — José Lourenço Cunha Rodrigues, guarda-livros
1244 — Vergolino Eduardo Nepomuceno Mimoso, oficial do Exército
1245 — Reinhold Wolfgang Braumann, estudante
1246 — Álvaro Henrique Chaves, comerciante
1247 — Artur Brandão, proprietário
1248 — Mário Fernandes Rocha, empregado no comércio
1249 — Benjamim Cardoso, comerciante
1250 — José Francisco d'Oliveira, comerciante
1251 — D. Maria Helena Deuroet do Ó, doméstica
1252 — Guilherme Soares Fernandes, empregado de escritório
1253 — Pastelaria Benard
1254 — Carlos Spratley, comerciante
1255 — Dr. Bernardino Augusto da Costa Simões, farmacêutico
1256 — José Rodrigues Ferreira, empregado no comércio
1257 — João Martins Romão Fernandes, industrial
1258 — Estabelecimentos Valetim de Carvalho
1259 — Fábrica de Loíça de Sacavém, Ltd.
1260 — Companhia dos Tabacos de Portugal
1261 — David & David
1262 — Artur Seabra Monteiro Valadares, comerciante
1263 — João Anjos, industrial

- 1265 — Dr. Alberto de Queiroz Sousa Pinto, juiz de Direito
1266 — Francisco Loureiro Diniz, advogado
1267 — Fernando Sabino da Silva, funcionário público
1268 — D. Eugénia Gonçalves de Almeida, empregada de escritório
1269 — Raúl Gomes de Almeida, comerciante
1270 — Fernando da Silva Baptista, comerciante
1271 — Marcelino Maia, guarda-livros
1272 — Alberto Seabra Baeta, comerciante
1273 — Raúl Xavier Heitor Fernandes, despachante oficial
1274 — Dr. Aleu Saldanha Cruz, médico radiologista
1275 — César Viana, empregado de escritório
1276 — Fernando Franco Ferreira, comerciante
1277 — Georges Wilde, comerciante
1278 — José Nunes Ereira, proprietário
1279 — Fausto Santana, agente de seguros
1280 — Eugénio da Silva Quilhó, despachante oficial
1281 — Virgínio Leitão Vieira dos Santos, proprietário e industrial
1282 — Dr. Raúl João Nunes Sintra, médico
1283 — Dr. Fernando Azedo Duarte, oficial da G. N. Republicana e advogado
1284 — Júlio Gomes Ferreira, comerciante
1285 — Manuel Dias Cannongia, empregado no comércio
1286 — Jorge Domingos do Rêgo Fonseca, empregado no comércio
1287 — Mário Pereira Lino Abreu, empregado no comércio
1288 — Oliveira & Fernandes, Ltd., ourives e gravadores
1289 — Mário Vítor Rodrigues, comerciante
1290 — Dr. João do Couto, Director dos Museus Nacionais de Arte Antiga
1291 — Dr. José Formosinho Sanches, médico
1292 — Arnaldo Ressano Garcia, engenheiro e professor
1293 — Luciano António Neves, encadernador
1294 — Mário de Noronha, gerente comercial
1295 — Dr. Diniz Bordalo Pinheiro, jornalista
1297 — Dr. Alexandre Ferreira Pinto Basto, advogado
1298 — Júlio Martins, industrial
1299 — Fernando Carvalho Mascarenhas, empregado de escritório
1300 — Manuel Augusto Tavares, farmacêutico
1301 — Guilherme Lino Cardoso, empregado no comércio
1302 — Arnaldo de Abreu, mecânico-electricista
1303 — D. Madeleine Roger, professora
1304 — Dr. D. Fernando Pais de Almeida e Silva, bibliotecário da C. M. L.
1305 — João Ferraz de Macedo Gavicho, proprietário
1307 — António B. Martins Bernardo, empregado no comércio
1308 — Fernando Júlio Coelho Pedroso, empregado C. Colonial Navegação
1309 — Arménio da Silva Monteiro, empregado de escritório

- 1310 — Vítor Manuel Santos Moreira, estudante
1311 — Efren Rodrigues, comerciante
1313 — Tomaz de Aquino da Silva, linotipista
1314 — D. Constança Navarro, actriz
1315 — Mrs. Thomas Towton, professora
1316 — José Veríssimo Marques da Silva, professor
1317 — Manuel Mesquita dos Santos, jornalista
1318 — Francisco Formosinho Gueifão Ferreira, farmacêutico
1319 — António Sardinha, funcionário corporativo
1320 — Luís Santana Pinheiro, guarda-livros
1321 — D. Alice Oeiras, artista declamadora
1322 — Evaristo Gonçalves, comerciante
1323 — Álvaro Duarte Tórreres da Costa, comerciante
1324 — Dr. Costa Sacadura, médico
1325 — Luís Soares Ribeiro, comerciante
1326 — Dr. Moisés Amzalak, professor
1327 — Pedro Germano de Sequeira Sotto Maior, director da Alfândega de Lisboa
1328 — D. Maria Matos, actriz
1329 — D. Maria Tota Carneiro, doméstica
1330 — D. Alcina Malcher Pimenta, comerciante
1332 — Dr. Alfredo Ornelas Pedreira, juiz de Direito
1333 — Manuel Rangel Baptista Judice de Abreu, empregado bancário
1336 — Abraham A. Levy, comerciante
1337 — David Zagury, comerciante
1338 — João Maria Tomé, guarda-livros
1339 — José Santos Serra, comerciante
1340 — Júlio Worm, comerciante
1341 — J. Castelo Lopes, industrial
1342 — D. Eva Arruda, jornalista
1343 — Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ministro plenipotenciário
1344 — D. Maria Josefina Ferreira da Silva, doméstica
1345 — Américo de Oliveira, proprietário
1346 — Cassiano Viriato Branco, architecto
1347 — Manuel Lourinho de Matos, estudante
1348 — Américo Lopes Mega, industrial
1349 — Benjamim Rodrigues Costa, comerciante
1350 — Raimundo Ramos Rêgo, caixeiro viajante
1351 — Francisco Gomes de Amorim, comerciante
1352 — Dr. Manuel Mateus, médico
1353 — Pedro Lopes da Cunha Pessoa, general reformado
1354 — Dr. Domingos Correia de Assis, médico veterinário
1355 — Coronel João Tamagnini Barbosa, oficial de engenharia
1356 — Augusto Martins, empregado bancário

- 1357 — Rogério Marques Caldeira Santos, engenheiro agrónomo
1358 — João da Silva Belo, comerciante
1359 — Francisco Alberto Martins Cruz, oficial da Armada
1360 — Padre Adriano Botelho, paroco de Alcântara
1361 — José Robalo da Cruz, comerciante
1362 — Dr.^a D. Maria Carolina Ramos, médica
1363 — Ismael Ferreira, industrial
1364 — Romão Casals Júnior, comerciante
1365 — Dr. Hermínio Paveia, professor
1366 — Marcelino Nunes Correia, comerciante
1367 — Miguel José Gomes Coelho, empregado bancário
1368 — João de Araújo Morais, Ltd.
1369 — Casimito Fernando Figueiredo de Sousa, func. A. N. Tuberculosos
1371 — José Camacho Rodrigues, comerciante
1372 — Manuel Vilar Peres, proprietário
1373 — D. Maria da Assunção Borges, doméstica
1374 — José Estrêla de Abreu e Brito, comerciante
1375 — Aníbal dos Santos, funcionário de seguros
1376 — Henrique Nunes Vizeu, guarda-livros
1377 — José do Nascimento Garcia, industrial de ourivesaria
1378 — D. Lily Rocha da Fonseca, doméstica
1379 — Luiz Jansen, 1.^o oficial da C. G. Depósitos
1380 — Francisco Xavier de Cabedo Garcia, estudante
1381 — Fernando da Costa Barbosa, empregado no comércio
1382 — José da Conceição Ramos, proprietário
1383 — Manuel Patroni, empregado no comércio
1384 — José Chagas Roquete, proprietário
1385 — Dr. José Pinto Morais da Cruz Aguiar, advogado
1386 — António Marciano Acabado, funcionário público
1387 — Adolfo Gonçalves da Silva Fagulha, comerciante
1389 — Álvaro Nunes de Sousa, confeiteiro
1391 — Manuel de Sousa Júnior, comerciante
1392 — Álvaro António da Silva, empregado bancário
1393 — Fernando Pereira Serzedelo, func. público
1394 — De Wet Henriques Alves, comerciante
1395 — Franklin António de Oliveira, oficial da Alfândega
1396 — Alberto Pais de Sande e Castro, empregado no comércio
1397 — Francisco Teixeira de Azevedo, func. público
1398 — D. Idalina Alves Felício, doméstica
1399 — Filipe Correia de Araújo, proprietário
1400 — Ricardo Ornelas, jornalista
1401 — José Rodrigues dos Santos, emp. bancário
1402 — Vítor Vasconcelos Almada, emp. bancário

- 1403 — António Maria Duarte Meira, emp. bancário
- 1404 — D. Maria Luísa Cabral Garcia, doméstica
- 1405 — Aurélio Luís Garcia, func. público
- 1406 — Dr. António Fernando de Sequeira Sottomaior, juiz de Direito
- 1407 — Artur José Craveiro Lopes, chefe de secção do Montepio Geral
- 1408 — Mário José Lino Monteiro, empregado de escritório
- 1409 — Eduardo Aníbal Pinto Teixeira, empregado bancário
- 1410 — Humberto Rui Nunes dos Santos, guarda-livros
- 1411 — António Fernandes Ribeiro, comerciante
- 1412 — D. Ester Ferreira Santos, parteira
- 1413 — César Nunes Bento, empregado comercial
- 1414 — D. Maria Amélia Ferreira dos Santos, doméstica
- 1415 — João Henrique Loureiro dos Santos, empregado bancário
- 1416 — João Serrano, empregado de escritório
- 1417 — D. Maria Luísa Ferreira Diniz, doméstica
- 1418 — Roberto Álvaro de Basto Folque, func. público
- 1419 — Fernando Quintão Pereira, empregado no comércio
- 1420 — D. Laura Helena de Magalhães Diogo, proprietária
- 1421 — D. Maria Helena de Andrade Canha, doméstica
- 1422 — Abílio Delgado da Silva, empregado bancário
- 1423 — António Rodrigues da Rocha Barbosa, empregado bancário
- 1424 — Luís da Costa Inácio, industrial
- 1425 — Raúl Ferreira Iglésias, proprietário
- 1426 — David Gomes da Fonseca, comerciante
- 1427 — Henrique Vences Araújo, empregado de escritório
- 1428 — José Ribeiro Júnior, comerciante
- 1429 — Eduardo Augusto Vidigal da Costa Cascais, escriturário
- 1430 — Sindicato Nacional dos Jornalistas
- 1431 — Jorge de Sá e Castro Quaresma, estudante
- 1432 — António Capelo Jales, chefe de secção do Montepio Geral
- 1433 — Instituto Francês
- 1434 — Augusto Sá da Costa, industrial
- 1435 — Dr. João Henrique Ulrich, proprietário
- 1436 — Vicente Alcântara, industrial
- 1437 — João Tadeu, comerciante
- 1438 — Instituto de Cultura Italiana
- 1439 — Roberyo Filipe Martins Alves, comerciante
- 1440 — Manuel Magno Júnior, func. público
- 1441 — Dr. Francisco José da Costa Félix, médico
- 1442 — António Lino, architecto
- 1443 — Fernando Ramos Pereira, estudante
- 1444 — Dr. Armando Bastos, médico
- 1445 — Wilhelm Berner, jornalista

- 1446 — Humberto Amadeu Malcher dos Santos Macedo, empregado do comércio
 1447 — Instituto Britânico em Portugal
 1448 — Eduardo Vieira Leitão, func. público
 1449 — Luís Artur de Montelano, funcionário público
 1450 — Centro Fornecedor de Móveis, Ltd.
 1451 — Eduardo Gonçalves Cardoso Júnior, guarda-livros
 1452 — Francisco dos Santos Sousa, empregado bancário
 1453 — Dr. José Amaro de Almeida, médico
 1454 — Luís Bernardo Gomes, comerciante

RECTIFICAÇÕES

- 268 — J. S. Vieira, Ministro evangélico
 932 — Frederico de Freitas, maestro compositor
 958 — Dr. Mário Kol d'Alvarenga, engenheiro agrónomo

RESUMO DOS SÓCIOS APROVADOS DESDE JULHO 1940 A DEZEMBRO 1942

Advogados	9	Enfermeiras	1
Agentes de Polícia	1	Engenheiros	14
Agentes de Seguros	2	Escritores	2
Arqueólogos	1	Estudantes	10
Arquitectos	3	Farmacêuticos	5
Associações Culturais	4	Firmas comerciais e industriais	24
Actrizes	2	Funcionários públicos	28
Banqueiros	1	Guarda-livros	7
Calistas	1	Gravadores	1
Comerciantes	59	Industriais	14
Confeiteiros	1	Jornalistas	15
Construtores civis	1	Juizes de Direito	3
Despachantes oficiais	2	Linotipistas	1
Diplomatas	1	Maçagistas	1
Electricistas	1	Médicos	5
Empregados bancários	21	Médicos veterinários	1
Empregados no comércio	31	Oficiais da Marinha de Guerra	3
Empregados de escritório	28	Oficiais do Exército	10
Empregados judiciais	2	Oficiais da Marinha Mercante	1
Empreg. na Marinha Mercante	3	Párocos	2
Empreg. de seguros	3	Parteiras	1

Empresários teatrais	2	Professores	10
Encadernadores	1	Proprietários	20

RESUMO GERAL POR PROFISSÕES DOS SÓCIOS DO GRUPO
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1942

Advogados	55	Enfermeiras	1
Agentes comerciais	1	Engenheiros	93
Agentes de polícia	1	Escritores	6
Agentes de publicidade	2	Escriturários	1
Agentes técnicos de engenharia	2	Escultores	5
Ajudantes de desp. oficiais ...	1	Estudantes	30
Ajudantes de farmácia	1	Farmacêuticos	12
Arqueólogos	1	Ferrovários	1
Arquitectos	16	Firmas comerciais e industriais	24
Artistas teatrais	9	Fotógrafos	1
Aspirantes de administrações...	1	Funcionários públicos	104
Associações culturais	4	Gravadores	1
Banqueiros	4	Guarda-livros	10
Bibliotecários	1	Guardas de polícia	1
Calistas	1	Industriais	35
Capitalistas	2	Inspectores	3
Caricaturistas	1	Intérpretes	3
Chefes de escritório	2	Jornalistas	48
Chefes de laboratório	1	Juízes de Direito	5
Chefes de polícia	1	Linotipistas	2
Chefes de Repartição	2	Livreiros	1
Chefes de secretaria	1	Maçagistas	1
Comerciantes	174	Maestros compositores	1
Condutores industriais	1	Mecânicos	3
Condutores de obras públicas ...	1	Médicos	83
Confeiteiros	1	Médicos veterinários	9
Conserv. bibliotecas	2	Mestres de alfaiates	3
Conserv. de Museus	1	Ministro Evangélico	1
Conserv. Registo Predial	1	Notários	6
Construtores civis	4	Oficiais do Exército	61
Contabilistas	6	Oficiais da Marinha de Guerra	18
Correctores oficiais	1	Oficiais da Marinha Mercante	1
Dactilógrafos	2	Operários	2
Desembargadores	1	Párcos	5
Desenhadores	1	Parteiras	1
Despachantes oficiais	10	Peritos de seguro	1

Diplomatas	11	Pintores de arte	12
Editores	2	Professores	45
Electricistas	2	Proprietários	88
Empregados bancários	60	Publicistas	10
» C. de Ferro	4	Realizadores cinematográficos...	2
» no comércio	88	Repórteres fotográficos	1
» de escritório	78	Revisores tipográficos	1
» da Ind. Hoteleira	1	Solicitadores	1
» judiciais	2	Sub-directores de fábricas	1
» da Mar. Mercante	3	Técnicos fotográficos	1
» de seguros	8	Tipógrafos	3
Empresários teatrais	2	Tradutores	1
Encadernadores	1		

Casas dos Panos

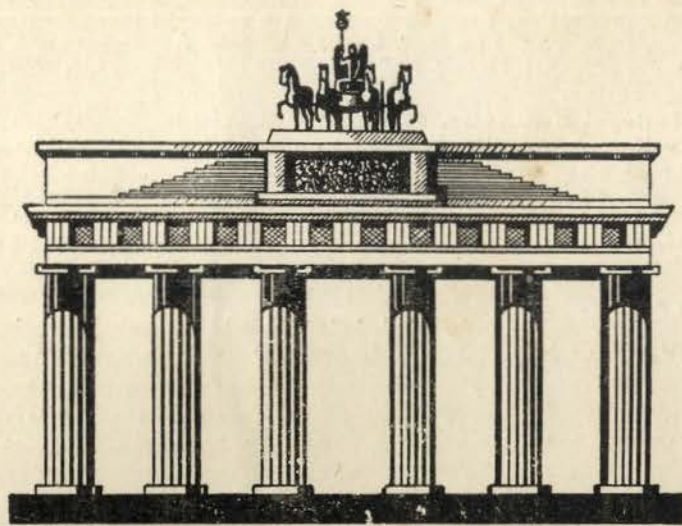
A PRIMEIRA CASA DA ESPECIALIDADE

Sortimento completo em panos
brancos e de côr e em linhos
de todas as larguras

45, RUA DOS FANQUEIROS, 49

(à esquina da Rua de S. Julião)





BERLIM

A

ALEMANHA FALA!

ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA

Novo horário (Hora de verão)

HORAS

13.30 às 15.00	«Hora portuguesa»...	DZE	24.73 m	12.130 Kc/s
15.00	Noticiário	DZE	24.73 m	12.130 Kc/s
18.45	Noticiário	DJC	49.83 m	6.020 Ks/s
		DXR	25.51 m	11.760 Kc/s
21.30	Noticiário	DJQ	19.63 m	15.280 Kc/s
		DXU 9	31.28 m	9.590 Kc/s
		DJI	41.15 m	7.290 Kc/s
21.45	Noticiário	DJC	49.83 m	6.020 Ks/s
		DXR	25.51 m	11.760 Kc/s
22.15	Noticiário e Tema do dia	DZC	29.16 m	10.290 Kc/s
		DXU 9	31.28 m	9.590 Kc/s
		DJI	41.15 m	7.290 Kc/s
		DJQ	19.63 m	15.280 Kc/s
23.30	Noticiário e Nota do dia	DXU 9	31.28 m	9.590 Kc/s
0.45	Noticiário	DXX	48.00 m	6.140 Kc/s

A Alma de Portugal — CIDADES, VILAS e ALDEIAS Único livro publicado com a Nova Divisão Administrativa, descrita de forma a saber-se todas as freguesias de cada concelho, Serras, Rios, Portos de Mar, Cabos e Lagoas, Aguas minerais, Termas, Praias, Feriados, Descanso semanal, Hoteis, Pensões, Rede Ferroviária, etc. **Mapa do País com distâncias quilométricas.**

Mapa de Portugal a 10 côres, com a nova divisão administrativa. Livro útil aos comerciantes, caixeiros viajantes, industriais, Bancos, Companhias, etc. **PREÇO 6\$00**

Roteiro do Automobilista — Contém distâncias quilométricas, por ordem alfabética, a 4000 terras, a partir de Lisboa, Porto, etc. Vários itinerários nas principais estradas do País. Indispensável a todas as pessoas que viajam e aos automobilistas **Preço 3\$00**

Método Caligráfico — Por **Pinto de Mesquita**, professor da Escola Comercial VEIGA BEIRÃO
Premiado com as medalhas de Prata e Bronze nas Exposições do Rio de Janeiro, 1908-1912 (únicas a que concorreu)
5.ª EDIÇÃO, contendo modelos de letra inglesa, francesa, francesa de fantasia, gótica e para senhoras. Alfabetos: latino, alemão, de fantasia e para correspondência, etc. O mais completo de todos os métodos. Um volume brochado com 90 modelos. **10\$00**

Resumo de Taquigrafia Comercial — Por **Pinto de Mesquita**, prof. da Esc. Com. VEIGA BEIRÃO
Premiado com as medalhas de Prata e Bronze nas Exposições do Rio de Janeiro de 1908-1912 (únicas a que concorreu)
2.ª EDIÇÃO, contendo mapas geométricos representativos da formação dos signos (letras e sons) **Preço 10\$00**

Atlas de Geografia — organizado pelos professores **José Romão e Leonel Trindade**
2.ª EDIÇÃO, com as alterações feitas na Colónia de Moçambique. Único com questionário. **3\$00**



LIVRARIA — PAPELARIA

Albano de Sousa & Barbosa, L.ª

145, RUA DA PALMA, 147

(Em frente ao Teatro Apolo)

LISBOA



CASA MACIEL, L.ª

CASA CENTENÁRIA

PREMIADA NAS EXPOSIÇÕES DO RIO DE JANEIRO, BARCELONA E INDUSTRIAL PORTUGUESA



Banheiras para todos os sistemas de banhos
FABRICO GARANTIDO



Primeiro Fabricante das célebres bailarinas

Modifica e conserta candieiros de todos os sistemas
Completo sortimento de loiças em folha, ferro esmaltado e alumínio

ALAMBIQUES PARA DESTILAÇÕES

Esquentadores para banhos de tina e tratamentos terapêuticos



TELEPHONE 2 2451

63, Rua da Misericórdia, 65

(Vulgo Rua de S. Roque) **LISBOA**